

À FLOR DA PELE

CONSUELO DE CASTRO

CENÁRIO

Sala única de um apartamento. Móveis modernos e simples. Há uma aparência de completo desleixo. Quadros fora do lugar, garrafas empilhadas no chão, etc. Uma estante de livros. Uma vitrola. Acima da estante aglomeram-se posters coloridos, uma bandeira preta com os dizeres: "Seja realista; peça o impossível". À direita, um sofá-cama aberto, com lençóis em desalinho. No centro do ambiente, uma mesa e duas cadeiras. Sobre a mesa há uma máquina de escrever, cinzeiros, jornais, livros, copos, uma caveira, tudo na mais perfeita desordem, À esquerda, um armário cheio de roupas de uso próprio e roupas de cena.

PERSONAGENS

VERÔNICA: A aluna. Vinte e um anos. Nostalgia da ordem.

MARCELO: O professor. Mais ou menos quarenta e três anos. Desespero da ordem.

PRIMEIRO ATO

(Penumbra - Verônica está só no palco, Veste um traje longo, esvoaçante e branco, seus cabelos estão soltos e cheios de flores. É uma figura muito delicada. Anda de um lado para outro, lentamente. Sua expressão é de loucura suave. Traz nas mãos um alaúde, o qual toca desafinadamente. Canta com voz rouca uma canção sem melodia: Canção de Ofélia, namorada de Hamlet, cena V, ato II – Hamlet).

VERÔNICA (*Entoando*) -

Nunca mais o veremos?

Não mais voltará?

Sumiu deste mundo,

Baixai para o fundo,

Que ele não voltará.

(Ela continua repetindo alucinadamente estas frases. Desafinando com o alaúde. Às vezes rodopia leve, como fantasma)

Sumiu deste mundo,

Não mais voltará.

(Ouve-se um ruído de motor. Um carro estaciona, Ela para, assustada, acende a luz rapidamente, rói as unhas. Está apavorada com a chegada de Marcelo. Olha-se no espelho, ajeita as flores no cabelo. Faz uma careta sensual, como uma menina treinando uma pose sexy. Os passos vão se tornando próximos, ela morde os lábios).

MARCELO: *(Entrando bruscamente) Oi... (Olha o traje) Ofélia de novo? (Ela assente com a cabeça. Está muito agitada e parece uma menina envergonhada que esconde alguma coisa. Corre a beijá-lo no rosto. Ele é frio e não retribui ao beijo. Ela finge não notar a indiferença dele. Rodopia suavemente e pega o alaúde).*

VERÔNICA: Estou bonita de Ofélia?

MARCELO: *(Balança a cabeça. Continua com ar preocupado e indiferente).* Mais ou menos...

VERÔNICA: Alguma coisa contra Ofélia, Cavalheiro? *(Gentil suave).*

MARCELO: Contra Ofélia? Não. *(Ele deposita a capa e o guarda-chuva sobre a mesa. Parece prestes a dizer alguma coisa de muito*

importante. Olha para ela, que continua fazendo gestos lentos, imitando uma donzela antiga, graciosamente). Eu não vinha aqui hoje. Mas eu precisava falar com você. (Ao ouvir isto ela para com a brincadeira. Vê-se que está com medo. Rói as unhas). Suponho que a senhorita já saiba... já saiba do que se trata. Não é, Dona Verônica? (Ele ironiza e sorri, ainda muito curioso; Ela assente com a cabeça jogando os longos cabelos para frente).

VERÔNICA: *(Tentando desviar o assunto de que ele ameaça falar)* Depois, tá? Depois você fala, bronqueia, tudo o que quiser. *(Rodopia)* Fala a verdade. Não fico linda de Ofélia?

MARCELO: *(Sentando-se na cama vagarosamente)* Se o Shakespeare te visse... tinha um enfarte. *(Som, levemente irônico, mas com um ar paternal).* Você parece mais a avó da Ofélia. Está estragando a personagem. *(Acende um cigarro. Ela continua rodopiando, leve e infantil).*

VERÔNICA: *(Recitando suavemente)*

Que nobre inteligência assim perdida!

O olho do cortesão, a língua e o braço do sábio e do guerreiro, a mais florida esperança do Estado... O próprio exemplo de educação, o espelho da elegância...

MARCELO: *(Interrompendo)* Quantos litros de uísque você entornou desde o *(Ironiza)* “ocorrido”?

VERÔNICA: *(Parando de recitar)* Eu? *(Finge espanto)* Eu?!

MARCELO: Você sim. Quantos litros de uísque? Vamos lá...

VERÔNICA: Nenhum... *(Ri)* Nenhum, imagine. Por que você pergunta

isto?

MARCELO: Basta olhar para suas olheiras...

VERÔNICA: *(Zombeteira ainda; olhando-se no espelho)* Não estou vendo olheira nenhuma... *(Olha novamente. Graciosa e irônica, começa a examinar detidamente os olhos)*. Nenhuma mesmo. Engraçado! *(Aproxima-se dele)* Onde você viu olheiras em mim? Meu Marcelo... Está vendo coisa... *(Tenta seduzi-lo, aproximando o rosto bem próximo ao dele)*,

MARCELO: É só lavar essa maquiagem pesada e você enxerga. Lava a cara e depois vem sentar aqui, direitinho, que eu preciso conversar sério com você. Certo?

VERÔNICA: *(Olhando-o assustada. Morde os lábios. Senta-se ao lado dele)* Você... não vai brigar comigo, vai?

MARCELO: Não. Vou apenas colocar tudo em pratos limpos.

VERÔNICA: *(Levanta-se, andando de um lado para outro, Agitada)* Sei que você está uma onça. *(Ri)* Eu sei... Mas olha... eu... eu estava fora de mim. Completamente fora de mim...

MARCELO: Isto não justifica nada, menina.

VERÔNICA: Eu não sabia direito o que estava fazendo.

MARCELO: Você NUNCA sabe direito o que está fazendo.

VERÔNICA: Aquele dia principalmente...

MARCELO: Que é que te deu na telha de...

VERÔNICA: Não sei, não me pergunte... *(Tapa o rosto, teatral)*. Não quero falar nisto. Eu já disse. Eu estava fora de mim.

MARCELO: *(Irritado)* Estava ONDE? Na lua? *(Ela assente com a cabeça)* Mas os resultados do que você fez estão aqui! *(Aponta o chão)* E não na lua, entende?

VERÔNICA: *(Tentando se justificar)* Eu só podia fazer aquilo naquela hora...

MARCELO: *(Irritado)* É?! *(Mais furioso ainda)* E sabe o que aconteceu?! Sabe?

VERÔNICA: *(Gritando para ele, infantil e agressiva)* Não quero saber... Não queeeeeero sabeeeeer!

MARCELO: *(Decidido)* Pois vai saber. *(Pausa)* Minha mulher teve uma crise de nervos. Está no hospital fazendo tratamento de insulina. *(Parece preocupado e aflito)* E a Verinha está um trapo. Um trapo!

VERÔNICA: *(Faz um gesto com a boca, displicentemente, indicando nojo)* Aquelas duas chatas...

MARCELO: Se são chatas ou não são chatas, o problema não é teu. Quero saber com detalhes o que foi que você aprontou lá na minha casa, pra poder contornar a situação.

VERÔNICA: Não vou falar.

MARCELO: Vai falar sim senhora, e vai ser já.

VERÔNICA: Pergunte pra Verinha. Aquela tonta da tua filha sabe melhor do que eu. Eu estava bêbada quando fui lá. Não te disseram?

MARCELO: Disseram.

VERÔNICA: Então. Eu sei menos do que ela. Nem me lembro direito,

se você quer saber...

MARCELO: Claro que lembra. (*Incisivo e nervoso, vai até ela, segura-a pelo braço. Ela tenta desvencilhar-se*) Fala tintim por tintim...

VERÔNICA: Não quero falar e não vou falar. Pronto.

MARCELO: Vai falar tudo. Pensa que é assim? (*Gesticula*) Estoura a minha casa, põe a minha mulher doente e a minha filha histérica, e depois é só tirar o corpo fora... (*Imita-a*) “Não quero falar, e pronto”. Bela solução.

VERÔNICA: Eu não quero saber dos teus conflitos domésticos.

MARCELO: Conflitos domésticos que você causou. (*Pausa. Ela rodopia fingindo nem notar mais a presença dele, leve como um fantasma. Sua expressão infantil reflete, no entanto, apreensão e medo*) Mas onde estamos... meu Deus... Você invade a minha casa, bêbada feito um gambá... sabendo que eu não estou lá para segurar as pontas. Chama minha mulher e minha filha e diz um monte de cretinices que põe as duas em estado de choque. Foi uma atitude digna de novela de rádio.

VERÔNICA: (*Rindo*) Não precisa ir tão longe. Foi um capítulo das tuas novelas lá na televisão. Aquelas merdas!

MARCELO: Eu já sei que você acha à televisão uma merda e outra merda as minhas novelas. O problema agora, é saber quem te autorizou a brincar de atriz de novelas... *na minha casa!*

VERÔNICA: (*Cínica*) A vida... imita a arte!

MARCELO: Ah! Oscar Wilde! (*Pausa longa*) Eu quero saber detalhes. Vamos por partes.

VERÔNICA: Por partes...

MARCELO: ...Primeiro: você encheu a cara, pra variar. *(Ela assente com a cabeça)*. Depois pegou o carro e foi até lá. *(Pausa)* E daí?

VERÔNICA: Daí, quando a tua filha abriu a porta, eu mandei ela chamar a tua mulher e botei tudo pra fora. Ora, aquela múmia um dia tinha de saber de tudo. *(Volta-se para ele decidida)* Você acha que dava pra enrolar mais tempo? A tua filha mesmo estava desconfiada.

MARCELO: Que descobrissem sozinhas as duas. Ou então, não descobrissem. Eu sempre daria um jeito de botar pano quente.

VERÔNICA: Pano quente não adianta nada...

MARCELO: Conta com detalhes, já disse! Você chegou, tocou a campainha...

VERÔNICA: *(Irritada e amedrontada ao mesmo tempo. Vê-se que ela não quer contar, mas conta atropeladamente fingindo desprendimento para disfarçar a vergonha que sente)* Toquei a campainha. *(Imita a si mesma, apertando uma campainha fictícia)* Trimm! *(Grita)* Quer que eu repita a cena? *(Ele assente)* Pois eu repito... *(Torna a tocar a campainha fictícia)* Trimm! *(Finge abrir)* “Pois não. A senhora quer falar com quem?” *(imita Verinha com voz fina e irritante)* “Com minha mãe?”

MARCELO: Pare de imitar que não tem a menor graça.

VERÔNICA: Aí eu disse: Você é a Verinha, não é? E ela respondeu: - “Sou. E você?” *(Pausa)* Eu disse: “Sou Verônica Prado. Sou aluna do teu pai na escola de Arte Dramática. Preciso falar com a tua mãe”. *(Morde a boca, com medo de continuar)*

MARCELO: Continua, continua...

VERÔNICA: Pra que isso? (*Pausa*) Eu não me lembro de tudo, Marcelo. Juro por Deus.

MARCELO: Lembra sim. Lembra muito bem. E vai falar.

VERÔNICA: (*Pausa longa. Ela olha para ele com medo*) Daí a Verinha olhou pra minha roupa e pra minha cara... (*Indecisa*) Não sei... Acho que percebeu que eu estava bêbada... Ficou com uma cara de idiota. (*Sorri sem jeito*). Ficou olhando e nem me mandou entrar. Eu fui entrando. Ela disse: (*Torna a imitar com voz irritante*) “Por favor, você quer falar com minha mãe, não é? Mas a minha mãe está ocupada”.

MARCELO: E você empurrou a menina, e foi direto onde estava a minha mulher...

VERÔNICA: (*Enciumada*) A “menina” não é tão menina assim... (*Debochada*) Menina... com aquele corpão?

MARCELO: (*Irritado*) Tem 13 anos. É uma menina, sim senhora. Mas isto não importa. Vamos continuar...

VERÔNICA: Bom. Então eu disse que se ela não fosse chamar a mãe dela, eu mesma ia. Na marra. Ela subiu as escadas apavorada, gritando. (*Imita, com desprezo, forçando uma voz esganiçada e infantil*) “Mãiiêêê! Desce correndo! Tem uma moça esquisita lá embaixo querendo falar com a senhora! Disse que é aluna do papai”, (*Marcelo está visivelmente irritado com as imitações*) Daí, desceu a "Jackeline Kennedy". (*Pausa. Ele espera atentamente o resto do relato. Verônica rói as unhas, anda de um lado para o outro*) Desceu e começou a perguntar o que eu queria com ela. Disse que estava ocupada, não sei mais o que... Eu olhei bem para a cara dela, pra ver se era tão simpática quanto você dizia. Achei uma velha chata, simplesmente uma velha chata. (*Dá de ombros, com desprezo*) Não sei o

que você ficou fazendo tanto tempo com aquela múmia. Parece ser mais velha do que você.

MARCELO: As suas impressões não me importam, repito. (*Didático*) Importam no momento as impressões que você causou nas duas. Vê se me entende. Quero saber do escândalo em si, detalhadamente, pra ver se assim eu posso contornar a situação.

VERÔNICA: Contornar e fazer sua média de sempre, não é? Por que você não aproveita o embalo e não toma uma decisão radical?

MARCELO: Porque não quero tomar decisões radicais. Contente?

VERÔNICA: Olha... (*Cínica*) Você sabe que certas violências são necessárias...

MARCELO: Não entendi.

VERÔNICA: Mas é tão simples! Quero dizer que certas soluções radicais são adiáveis... (*Didática*) Pode-se adiar, (*Gesticula debochada*) adiar, adiar, adiar... (*Grita*) Mas não se pode adiar para sempre! Um dia a coisa explode.

MARCELO: Sei... sei. Obrigado pela informação. (*Irônico*) Deixe que eu saiba usar a violência à minha moda. No momento não quero ser radical nem violento. Quero segurar as pontas. E ponto final.

VERÔNICA: (*Sorridente*) Um dia você vai ter que tomar uma decisão, não é?

MARCELO: Um dia! E talvez nem seja necessária uma decisão radical.

VERÔNICA: Vai ter que ser radical, sim. A partir do que eu fiz lá na tua casa, as coisas vão se tornar cada dia mais insuportáveis. Tua mulher

vai começar a desconfiar de você. Tua filha vai ficar perguntando toda hora aonde você vai, de onde você vem... Eu sei. Você mesmo me disse que a Verinha não larga do teu pé, que tem ciúme de você. Não é mesmo? E eu também vou suportar cada dia menos que você viva com as duas.

MARCELO: Problema meu. Quem tem que resolver sou eu. Mas agora eu quero saber a coisa como foi, e você vai dizer.

VERÔNICA: Foi isso que eu disse. Tua mulher chegou e eu falei.

MARCELO: (*Irritado*) Falou o *quê?* Desembuxa esta droga de uma vez!

VERÔNICA: Tudo, ora! TUDO! Não deixei nada pra dizer depois. *Eu fui radical.* Conteí nossa estória TODINHA pra elas.

MARCELO: Toda como! Você deve ter inventando um pouco, senão as duas não estariam no estado que estão.

VERÔNICA: Elas estão fazendo drama.

MARCELO: Drama fez você.

VERÔNICA: (*Defendendo-se*) Mas eu não inventei nada!

MARCELO: Quem te disse pra ir lá?

VERÔNICA: A minha cuca. Só isso, a minha cuca. Fui porque fui e porque quis ir. E acabou.

MARCELO: A tua cuca! (*Irritado*) Um dia a tua linda cuca te manda ficar pelada no meio da rua e você fica.

VERÔNICA: (*Debochando, fingindo alegria que não sente. Rodopia e grita*) E viva o reino livre dos instintos! Eu fui lá, fiz um troço violento, e

as coisas AGORA começam a tomar um rumo certo. Eu “acelerei o processo”. Muito melhor assim! Agora você está diante de uma decisão. Se eu não tivesse feito isto nós íamos ficar mais outros três anos, quem sabe, nesse chove não molha. Você fazendo a média de sempre entre eu e elas duas. *(Pausa)* Eu morrendo de ciúme. *(Pausa longa)* Você de saco cheio delas e eu de saco cheio da situação toda.

MARCELO: Quem te disse que eu estou de saco cheio delas?

VERÔNICA: Você mesmo! Você mesmo me disse que não suportava mais a tua mulher!

MARCELO: São brigas de família! Todo mundo diz isto na hora da raiva. E além do mais eu nunca disse que estava cheio da minha filha. Tá aí um negócio sagrado pra mim: a minha filha.

VERÔNICA: Aquela pata-choca! *(Com nojo)* Só pode ser mesmo um “negócio sagrado”! Tem cara de “santinho!” *(Imita comicamente)*,

MARCELO: Antes a cara de santinho dela do que a tua cara de doente mental! *(Acusador)* Sua irresponsável! Você pode seguir a tua cuca até onde não atrapalhe a vida dos outros, entende? *(Agressivo)* Neurótica! Sabe o que você fez? A Verinha tem 13 anos! 13 *a-nos*! Está completamente chocada com o teu palavreado? Sabe o que significa uma menina de 13 anos?

VERÔNICA: Sei. Eu tive 13 anos e não faz muito tempo. Só que não era tão “sagrada”... quanto a tua filha... eu já sabia das coisas. Ainda bem...

MARCELO: Por que não aproveitou sua experiência pessoal? Uma criança nesta idade, tem certas inocências e certas ilusões que precisam ser mantidas!

VÛRÔNICA: Ilusões que precisam ser arrancadas! Isto sim! Que ilusões você quer manter na Verinha? De que é um pai modelo? Um pai “santo”? Ah... *(Ri)* A sagrada família! *(Ri mais ainda)* Que é que tem de porco no fato do pai dela ter uma amante? Vai me dizer que ela não sabe o que quer dizer “amante”. Neste caso, faça-me o favor! Que raio de educação você dá prá ela? *(Didática e irônica)* Hoje em dia não se esconde mais nada dos filhos a respeito do sexo!

MARCELO: Você devia ser pedagoga!

VERÔNICA: Talvez. Adoraria. Só pra ter o gostinho de arrancar certas ilusões bestas de certas pessoas... *(Marcelo acende um cigarro, furioso. Verônica rói as unhas. Cada vez mais ela assume o papel de uma menininha travessa e apavorada)*

MARCELO: Tem horas que eu penso... que é que eu tinha que me meter com você? *(Pausa)* Só isto que eu gostaria de saber! *(Fecha os punhos)* Paciência... quem dorme com criança amanhece mijado. *(Pausa)* Mas puxa! Será que eu não podia prever que você ia me aprontar uma dessas? *(Incrédulo, tentando conter a raiva e manter a sobriedade)* Eu devia ter imaginado, desde o dia que te conheci, que você não batia bem e que ia me dar trabalho! *(Assopra a fumaça do cigarro, furioso)* Eu sou um idiota completo! *(Bate na cabeça)* Por que não usei a cabeça?

VERÔNICA: *(Brincando)* Não se culpe, não me culpe. Não culpe ninguém. Você disse que eu te dou trabalho. Podemos inverter. Eu acho que você me dá trabalho também. Viu? *(Ri)* Se a gente pudesse evitar tudo o que dá trabalho na vida... seria fácil. *(Toma-se meiga)* Que culpa você tem de ter ficado gostando de mim?

MARCELO: A culpa dos cegos. *(Pausa)* *(Verônica se aproxima dele)*

carinhosa, Ele repele todas as tentativas de aproximação por parte dela, furioso).

VERÔNICA: Um cego não tem culpa... Marcelo... *(Ri)* Olha, daqui uns dias a tua mulher sai do hospital e pronto...

MARCELO: Fácil falar... Muito fácil... *(Ela tenta abraçá-lo. Ele se afasta bruscamente como que querendo voltar à realidade)* Eu queria te ver no meu lugar. Sentado, à beira da cama dela. Ela, inconsciente, resmungando coisas sem nexos. Meu sogro e minha sogra sentados me olhando como se eu fosse um assassino. Minha filha, se eu chego perto, me repele, apavorada. *E os médicos? (Desespera-se no relato)* E os médicos, então? Todos me perguntam de cinco em cinco minutos... “Como foi que a paciente entrou em estado de choque?”... Como, quando, por que... Pergunta, em cima de pergunta... e eu sem saber o que responder... *(Segura-a outra vez)* Fala! Eu quero saber tudo, menina. Tudo! E chega de papo furado que eu tenho que voltar pra lá!

VERÔNICA: Não volte pra lá.

MARCELO: E quem conserta aquele drama todo?

VERÔNICA: Deixe a “sagrada família” fazer o drama sozinha! Não volte e pronto! Ou então volte e defina-se! Será que você não vê que todo este drama é proposital? Eles todos, inclusive os médicos... todos... estão querendo te meter numa novela medíocre. Olhe só: A “sagrada família” se reúne em torno de “Isaura, a Corneada” e Verinha, a inocente, vítima de um pai mau caráter! Livre-se disto! *(Com nojo, repulsa absoluta)* Não volte lá... Deixa a novela correr sem você. *(Segura os ombros dele)* Olhe, se fosse uma novela que te merecesse como personagem principal... mas não é. Esta novela se repete milhões de vezes por dia em todos os lares

pequeno-burgueses e em todas as televisões do mundo! *(Pausa)* Repete-se tanto esta droga toda, que se pode facilmente prever o fim. O final feliz! *(Debocha)* O marido culpado pede perdão, e a mulher submissa aceita o perdão. Vence a justiça e vence a moral! Todos ficam de bem. Pra que você insiste em viver, na vida real, esta merda que você é OBRIGADO a viver na fantasia, pra ganhar dinheiro? *(Pausa)* Não basta a televisão? *(Ofegante)* Não pode escapar disto? *(Beija-o)* Pode sim, meu amor. *Eu, Verônica Prado*, juro por tudo quanto é mais sagrado, que não vou deixar você virar personagem de novela. *(Deita-se meiga e dócil no peito dele, Ele repele a tentativa de conciliação).*

MARCELO: Me larga, menina. Não fica segurando em mim. Faça o favor. Eu estou... *(Faz o gesto)* por aqui com você. *(Levanta-se)* Você vai me explicar ou não o que disse pra elas duas? Se for pra ficar aí discursando sobre a televisão, a família e a propriedade privada, é bom avisar... porque eu não estou a fim de ouvir discurso *(Senta-se agitado)*,

VERÔNICA: Você quer que eu volte a pisar na brasa, então...

MARCELO: Volta sim. Sem conhecer os fatos eu não posso consertar e a coisa é capaz de piorar... *(Levanta-se irritado)*.

VERÔNICA: Pois eu volto. *(Decidida, agora afasta-se dele)*. Pode sentar... *(Ele senta novamente)* Já que você quer que eu fique mastigando a história toda de novo... tá bem... tá bem... onde eu parei? *(Finge lembrar com dificuldade)* Ah! Parei quando a tua mulher disse que estava ocupada e que não podia atender. Eu peguei e falei pra ela: “A senhora vai me ouvir, queira ou não queira. Sabe quem eu sou?” Ela disse que não. Eu disse: - “Sou Verônica Prado”. Aí ela deu um daqueles sorrisinhos sob medida. O sorriso da esposa bem educada. E então falou, muito gentil: “Ah, sei! Meu marido fala muito em você. Disse que você é a aluna dele que mais tem

talento lá na escola. Sente-se, por favor. Ele não está. Você queria falar com ele mesmo? Se for questão de livros que você está precisando, a biblioteca é ali, à direita. Sirva-se” (*Ri. Continua imitando*) “Meu marido me deu ordens pra deixar os alunos pegarem os livros à vontade”.

MARCELO: (*Visivelmente contrariado. Ele tenta manter a calma*) Quer parar com esta imitação ridícula, por favor? Você nem parece atriz, minha filha. Conte sem imitar... Está me dando nos nervos...

VERÔNICA: ...Aí eu falei pra ela que não queria livro nenhum... Então acho que ela se tocou que eu estava bêbada, porque parou na hora de representar o papel da esposa bem educada e ficou me olhando sem dizer nada. Aí eu disse que nós dois tínhamos um caso de três anos de idade. Disse que você gostava de mim e eu de você. Como ela fez uma cara de “não entendendo nada”, eu expliquei em português claro - “*Sou amante do seu marido*”. Foi o que eu falei; As duas quase desmaiaram quando eu falei a palavra “amante”, e se agarraram uma na outra como se eu tivesse dito que o Brasil ia decretar guerra aos Estados Unidos! (*Ri. Parece segura de si. Marcelo apenas ouve, furioso e perplexo, fumando sem parar*).

MARCELO: E daí? E daí? Você falou mais alguma barbaridade ou ficou por isto?

VERÔNICA: Não sei que barbaridade existe em você ser meu amante...

MARCELO: (*Fingindo ironia*) Não é todo dia que a gente encontra uma esposa razoável, moderninha, sem ciúme... ou você pensa que a Isaura é o que?

VERÔNICA: Uma quadrada!

MARCELO: Está nos direitos dela...

VERÔNICA: (*Irônica*) Claro. Direito e deveres. Direito de te segurar com ela, dever de se fazer de santa. Direito de te fazer aguentar a cara dela na marra. Dever de te amarrar na cama com ela, por tradição!

MARCELO: Continue o resto da história e não enrole.

VERÔNICA: (*Irritada em ter que prosseguir*) Sua mulher pediu pra Verinha sair da sala. Ela emburrou e não saiu. Paciência, pensei eu. Vai ter que perder as inocências na marra. (*Pausa*) Sua mulher me disse que era melhor eu “me retirar”... Até essa hora, ela ainda quis bancar a dona da verdade. A esposa bem comportada, séria e sóbria, que não liga pras más línguas dos vizinhos. Mas eu disse pra ela que você ia pedir o desquite. Só então foi que ela entendeu que eu estava falando sério. (*Marcelo cerra os punhos novamente e fecha os olhos, contendo a fúria. Parece que não acredita no que ouve*) A sua filha começou a me mandar embora aos gritos... e dona Isaura começou a ficar pálida... pálida... como uma morta! (*Dramatiza, avacalhando com a cena*) Olha, que a sua mulher ficasse daquele jeito, eu ainda entendo. Mas a tua filha? (*Finge horror*) Aquela pirralha está com o maior complexo de Electra. Nunca vi! Por que você não bota a menina num psicanalista? Incesto dá bode... Juro. Ela tem ciúme de você. Mais do que a tua mulher.

MARCELO: (*Gritando*) Os seus conselhos não me interessam. Verônica, que mais inventou? Hein? Eu tenho vontade de te enforcar... Quem te falou que eu queria me desquitar? De onde você tirou isto? Da tua cuca? (*Mostra a cabeça*) Começo a compreender... O erro está aqui... (*Mostra a cabeça*) Na tua cuca. Quem foi que disse pra você que eu queria me desquitar? A tua cuca?

VERÔNICA: (*Nervosa*) Você mesmo! Você quer tirar o corpo fora, então fale logo. Mas não tente me enrolar. Você me disse umas quarenta

vezes isto. E eu não contei tudo pra ela. *(Pausa)* Não falei, por exemplo, que você achava ela burra... *(Conta nos dedos)* cansativa... quadrada... Não falei que você DE-TES-TA-VA ir pra cama com ela... Não falei que você fica com ela por obrigação. Uma obrigação estúpida e pequeno-burguesa, é claro. Mas uma obrigação! Um ver-da-dei-ro sacrifício! Se eu tivesse dito tudo isto pra ela...

MARCELO: Eu te matava. Se você falasse isso pra ela, eu te matava.

VERÔNICA: Pois bem. Não precisa matar. Eu só falei que você ia pedir o desquite.

MARCELO: Mas eu não vou pedir desquite nenhum! Você me consultou antes de inventar isto?

VERÔNICA: Você me *disse* isto. *(Pausa)* Lembre-se.

Você disse: “Eu vou pedir o desquite, Verônica. Sossegue. Não vai ser já. Tudo tem um momento certo. E agora ainda não é o momento certo”.

MARCELO: E então? Eu falei em desquite, reconheço. Mas eu falei também... que não ia ser já. Não tenho condições.

VERÔNICA: *(Desanimada)* Ah, vai... eu estou cheia deste negócio de “condições”. “As condições a gente cria”, ouviu?

MARCELO: Pois bem, Verônica. A responsável por isto é você. Você foi lá e teve uma atitude de cortiço, agora...

VERÔNICA: Que aristocrata... *(Sorri)*.

MARCELO: Fez a cagada e vai consertar. *(Pausa. Ele parece ter encontrado a decisão. Está sereno e seguro de si)* Só há um meio de consertar.

VERÔNICA: Não sei o que você está pretendendo. Só sei que consertar não é o caso. O negócio é destruir tudo e começar tudo de novo. Largar a mulher e a filha, ou largar de mim. Consertar não dá mais pé.

MARCELO: Você que acha. *(Levanta-se didático. Há uma pausa longa, ela está apreensiva)* Você vai fazer o que estou dizendo. Você vai lá no hospital e eu vou junto.

VERÔNICA: *(Gritando)* O quêêêê?!

MARCELO: Não grite. Isto mesmo. Você vai lá e vai dizer que estava bêbada e que era tudo mentira o que você falou. Vai dizer que sempre gostou de mim, e que eu nunca te dei a menor bola. Vai bancar a aluna apaixonada pelo professor. *(Pausa)* É o único jeito.

VERÔNICA: *(Após uma breve pausa. Está apreensiva e desconfiada de alguma coisa terrível)* Sei. Acho que estou entendendo o teu joguinho nojento! Vou lá bancar a adolescente neurótica, gamada pelo professor de dramaturgia. *(Balança a cabeça. Olha pra ele com raiva)* E depois que eu sair, aí você conta pros médicos que tem pena de mim. Que sempre me tratou com mais carinho do que os outros alunos, porque me conheceu... num estado lamentável. *(Cínica)* Entendo. *(Pausa longa)* Você vai contar que eu tentei o suicídio... não vai?...

MARCELO: Isto não é verdade? Não foi assim que eu te conheci? Tentando saltar da janela da sala do diretor?

VERÔNICA: Mas eu não vou deixar você contar isto!

MARCELO: Não vai por quê?

VERÔNICA: Porque não *(Grita)* Você vai usar uma coisa minha. Terrivelmente minha... uma coisa de que eu me envergonho

desesperadamente... pra limpar a tua barra? Não tem vergonha de usar um jogo tão miserável? *(Começa a chorar)* Você é apavorado... *(Com nojo)* No fundo é um velho, com medo até de se mexer...

MARCELO: *(Tentando defender-se)* Não sou velho, Verônica, eu sei das coisas.. Eu tenho experiência... Você é uma criança e não se importa em ferir os outros. Que foi que a minha mulher te fez pra você magoá-la daquele jeito?

VERÔNICA: Não choramingue na minha frente! *(Pausa longa)* Em lugar de enfrentar o problema de peito aberto, você quer o remédio fácil, que só adia a solução... e ainda por cima quer que eu entre na brincadeira. Que eu minta que nunca fomos amantes. Quer que eles tenham pena de mim, por isso vai contar a estória da tentativa de suicídio. Assim, a tragédia fica completa... Mais uma novela com final feliz: *O Marido bom e a adolescente suicida.* *(Aproxima-se dele e grita-lhe no ouvido)* Mas acontece que eu não vou topar este joguinho porco!

MARCELO: *(Tapando o ouvido e franzindo os olhos, perturbado pelo grito dela)* Vai fazer o que eu estou dizendo! Vai fazer isto mesmo! Vai contar que mentiu! Que eu sempre te respeitei e que o máximo que eu sinto por você é pena. Pena da tua mania de suicídio. Pena do teu talento desperdiçado. Pena da tua fossa!

VERÔNICA: *(Após uma pausa)* e... se eu não for lá? Se eu não topar o jogo?

MARCELO: Então está tudo acabado entre a gente.

VERÔNICA: Então está tudo acabado entre nós, porque eu não vou lá.

MARCELO: Não vai? *(Desespera-se)* Não vai me ajudar então?

VERÔNICA: (*Decidida*) Não.

MARCELO: Paciência. Eu vou e digo por você. Se eles quiserem alguma prova, eu pego qualquer aluno da escola. Qualquer um pode provar que você bebe, que você é maluca e que há três anos atrás tentou suicídio. Se você pensa que só eu sei disso está enganada. O diretor mesmo sabe. Um dia ele me disse que era uma pena, você, tão inteligente e talentosa...

VERÔNICA: Quem sabe ouviu de você. Porque eu não contei pra ninguém. Eu tenho ódio disso. Eu tenho vergonha deste suicídio. Se alguém mais sabe, soube por você. E é bom eu também saber que você gosta de se vangloriar por aí de que é bondoso, caridoso, tira menininhas da fossa e impede suicídios. É bom eu conhecer este teu lado caridoso, assim eu começo a te odiar. Eu odeio a caridade!

MARCELO: (*Após uma longa pausa*) Verônica, você podia me ajudar a quebrar este galho. É... é um favor que estou te pedindo.

VERÔNICA: (*Sorrindo indiferente e decidida*) Não. Como eu te disse, não sou de fazer caridade pra ninguém. Você pode ir lá e falar a patacoada que quiser a meu respeito. Eu não vou te desmentir. Mas também não endosso. E desde agora pode ir saindo daqui, porque eu não aguento mais ver a tua cara.

(*Pausa longa. Ele continua sentado onde está, fumando. Ela olha pra ele com desprezo. Depois, como se não o visse, começa a tirar a roupa de Ofélia*)

MARCELO: (*Tentando a reconciliação*) Não tire ainda a roupa. Eu quero ver como ficou a cena. Ficou bacana? Você ensaiou muito?

VERÔNICA: Ficou bacana. Ficou linda. Você, é claro, não acharia.

(Tira a roupa de Ofélia por completo. Fica com uma malha de ballet, colante, que trazia por baixo do vestido).

MARCELO: Ora... por que eu não acharia, Verônica?

VERÔNICA: *(Indiferente)* Porque fui eu que fiz. Se fosse o Jô Soares de travesti, você juraria que ele é a Ofélia. Como sou eu, nunca poderia ficar boa a cena. Nem que eu ensaiasse quinhentas vezes por dia.

MARCELO: Você está azedinha mesmo.

VERÔNICA: Estou.

MARCELO: *(Gentil, recuando na briga, tentando conciliar)* Faça a cena.

VERÔNICA: *(Caminhando até a vitrola, sem olhar para ele)* Não vou fazer merda nenhuma.

MARCELO: Tá bem. *(Resignado)* Pelo menos me diz que cena era aquela que você ensaiou.

VERÔNICA: *(Ligando a vitrola. Explode um iê-iê-iê frenético. Ela começa a dançar. Sensualíssima e indiferente)* Cena 5, ato II, de William Shakespeare, *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. *(Pausa)* Se quiser mais dados leia o livro. Ou então, assista às aulas de dramaturgia, caduquíssimas, da escola de arte dramática. *(Dança, joga os cabelos para trás. Parece em transe. Ele observa-a, entre fascinado e furioso)* Você não tinha que sair voando? Não tinha que ir visitar a tua desconsolada mulher?

MARCELO: Vou daqui a pouco. *(Vai até a vitrola e baixa o volume. Ela aumenta o volume, voluntariosa)* Põe pelo menos mais baixo, por favor. Estou com dor de cabeça. E não suporto iê-iê-iê.

VERÔNICA: Não ponho nem um milímetro mais baixo. (*Aumenta o volume até o máximo*) Eu não faço concessões, entende? Vou ouvir no volume que EU quiser! (*Dança. Ele tapa os ouvidos*).

MARCELO: Por favor! (*Vai até a vitrola novamente e baixa o volume*) Assim já dá pra você ouvir e dançar à vontade. Eu disse que estou com dor de cabeça.

VERÔNICA: (*Aumentando novamente o volume e dançando sempre*) Os incomodados que se mudem. (*Ele se resigna. Pega um copo e enche de uísque. Ela dança em transe ainda, cada vez mais sensual*).

MARCELO: (*Tentando puxar assunto*) Como é o nome desta merda?

VERÔNICA: O disco, você quer dizer? (*Sorrindo, dançando sempre*) “Balada de Yoko”.

MARCELO: Não gosto. (*Dá um gole no uísque*) Aliás, não é que eu não goste. De-tes-to.

VERÔNICA: (*Aproxima-se dele, dançando*) Me dá um gole... (*Pega o copo dele. Ele arranca o copo dela, derrubando o uísque na malha de ballet. Ela esfrega as mãos na malha, sensualmente. Ele está furioso*) Que foi? Ficou louco? (*Ri*) Me dá um gole, estou dizendo...

MARCELO: Você não vai beber.

VERÔNICA: (*Pegando a garrafa*) Não? Olhe aqui. (*Dá uma violenta golada. Marcelo tapa os ouvidos, completamente saturado do disco. Vai até a vitrola e tira o disco. Verônica pega a garrafa, olha para ele e dá outra violenta golada. Vai até a vitrola, teimosa, sorrindo, e põe o disco na metade*).

Eu quero ouvir e vou ouvir, assim como quero beber e VOU beber. *(Cínica, teimosa, irritante)* Compreendeu? *(Ele senta-se à mesa, fumando, desesperado e furioso. Ela ri, joga os cabelos para trás, faz gestos com a boca, totalmente desinibida e provocante)* Vem dançar... Não quer? *(Estende os braços. Ele meneia a cabeça)*. Esqueci que você só gosta de valsa... *(Ri, Olha para ele sorrindo)* Que tal esse passo? Foi o Toninho que me ensinou. Aliás, o disco foi ele quem trouxe. Genial, não é? Você pode não gostar de iê-iê-iê, mas este você tem que admitir que é fantástico! *(O disco acaba)* Ah... acabou... Que pena! *(Ele faz um suspiro de alívio. Sorrindo, cínica, infantilmente, ela finge que vai pôr o disco de novo)* Não sei... acho que vou pôr de novo... *(Ele vai até a vitrola e cerca-a)* Sai daí, seu chato! *(Ri às gargalhadas da posição ridícula em que ele se colocou, defendendo a vitrola como um toureiro)* Deixa eu pôr o meu disco, vamos,, vai ficar aí defendendo a vitrola feito um toureiro, é? *(Ri mais alto ainda)* Que cara é essa? Sem dúvida, você não está batendo bem, juro por Deus. Vai ou não vai largar a minha vitrola?

MARCELO: Verônica... larga de brincadeira, pelo amor de Deus. Deixa o disco aí. Tá bem? Vamos conversar... eu sei que você está louca da vida comigo. Mas então estamos quites, porque eu também estou louco da vida com você. Correto? *(Pausa)* Então, pelo amor de Deus, não fique me irritando com este disco nem com este Toninho. Você sabe... eu não suporto esse cara.

VERÔNICA: *(Andando até a mesa, cada vez mais cínica)* Que é que tem o Toninho? *(Sorridente, certa de que ele se enciúma cada vez mais)* Ele é o cara mais bacana que eu conheço! Você não acha ele bacana?

MARCELO: Um delinquente! *(Ele larga a vitrola)*.

VERÔNICA: *(Irônica)* Jura que você acha isto dele? Não sabia... Pois

veja só que engraçado... Ele te acha muito bom professor. Aliás, não só isto. Ele adora as tuas aulas. Não sei se ele diz isto pra me agradar.

MARCELO: Claro que é pra te agradar.

VERÔNICA: Então deve ser. Eu pensei que ele gostasse mesmo de você.

MARCELO: Ele quer te cantar. Isto sim.

VERÔNICA: Não é o único que quer me cantar...

MARCELO: É o único que você DEIXA passar a cantada.

VERÔNICA: Deixo mesmo. Adoro as cantadas dele. São inteligentíssimas. Qualquer dia eu acabo caindo numa delas.

MARCELO: É... e então?

VERÔNICA: *(Fazendo um gesto largo)* Ora... consequência lógica: Vou pra cama com ele. O final feliz! Sempre o final feliz! O delinquente e a “delinquenta” libertam-se do professor autoritário e vão trepar, livres e nus como Deus os fez! *(Sorri fingindo meiguice)* Não é assim que tudo acaba? Você com a sua mulher, a televisão, o ordenado gordíssimo que você ganha pra encher a população de merda com as tuas novelas... Mais a tua filhinha santa e virgem. Eu, com o meu delinquente anarquista e porralouca. Cada um no seu galho. No galho que Deus lhe deu, pronto. *(Didática)*

MARCELO: Eu não admito que este cara torne a pôr os pés aqui!

VERÔNICA: Pois fique não admitindo. Ele vai voltar quantas vezes eu quiser.

MARCELO: Isto aqui é meu. Quem paga o aluguel sou eu. E você é minha mulher.

VERÔNICA: Mulher sua, apartamento seu e vitrola sua. Viva a propriedade privada. *(Pausa longa. Ele está tenso)* Posso não encontrá-lo aqui, no seu patrimônio. Encontro com ele na escola, na minha casa, na casa dele. Adianta alguma coisa você proibir?

(Pausa. Marcelo está cada vez mais desesperado. Ela disfarça a mágoa que sente através de uma ironia que não consegue transmitir. Ajeita os cabelos no espelho, assobia para irritá-lo, a mesma música do disco. Canta, começa a procurar alguma coisa no armário. Atira tudo no chão. Roupas, papéis, fantasias, tudo se amontoa caoticamente).

VERÔNICA: Quem mexeu aqui? Só pode ter sido você...

MARCELO: Não mexi em coisa alguma.

VERÔNICA: Então cadê a minha papelada?

MARCELO: *(Ainda desesperado)* Não sei de papelada nenhuma...

VERÔNICA: *(Irritada)* Você pegou, não foi?

MARCELO: *(Gritando)* Peguei o quê?!

VERÔNICA: A minha peça que estava aqui. A peça que eu estava escrevendo com o Toninho. *(Pausa)* Você sabia que eu estava escrevendo uma peça, e jogou fora assim que achou. Confesse!

MARCELO: *(Irritadíssimo)* Ora bolas. Você está delirando. Não peguei peça nenhuma. E não sabia que este DELINQUENTE era metido a dramaturgo.

VERÔNICA: *(Remexendo furiosamente no armário)* É metido a dramaturgo e escreve muito bem. Mil vezes melhor que você. *(Sorri)* Aliás, você nem escreve mais. Vomita. Porque aquilo que você manda pra televisão...

MARCELO: Eu já sei o que você acha das minhas novelas... Se você pensa que eu ADORO escrever estas drogas, está enganada. Eu tenho autocrítica...

VERÔNICA: *(Achando os papéis, suspira aliviada)* Autocrítica que não dá em nada. Puro sadismo. *(Respira mais aliviada ainda)* Achei! *(Pega todos os papéis, sentando-se na cama. Começa a folhear, desligando tudo ao seu redor, como se Marcelo não estivesse ali).* Merda... *(Folheia aflita)* A gente não numerou nada... *(Procura um lápis)* Agora como é que eu vou entender? *(Começa a contar)* ...um ...dois ...três ...quatro *(Procura avidamente entre as folhas)* ...folha quatro ...folha quatro ...Porcaria! Está tudo sem número... O Toninho tem horas que me irrita com este negócio de não organizar nada. Olha aí. *(Fala sozinha)* Bom. Eu sei o que vou fazer. Eu vou me vestir e vou dar um pulo na escola pra ver se encontro ele.

MARCELO: *(Decidido)* Não vai procurar Toninho nenhum. *(Olha fixamente para ela)*

VERÔNICA: *(Olhando para ele, desconfiada)* Não vou?

MARCELO: Não.

VERÔNICA: *(Olhando os papéis, desorientada, tentando aparentar segurança, mas morrendo de medo)* E... como é que eu vou organizar isto aqui? *(Aponta os papéis).*

MARCELO: Deixe os papéis em cima da mesa e sente-se ali. *(Fala num*

tom pausado, autoritário, olhando sempre fixamente para ela, que está indecisa).

VERÔNICA: Você pretende fazer o que... com esta autoridade toda?

MARCELO: Sente ali, estou mandando. *(Parece prestes a explodir. Ela obedece, deixa os papéis na mesa e senta-se na cama, levemente apavorada).*

VERÔNICA: Que chato que você é. Não vê que eu preciso achar o Toninho? Eu PRECISO numerar aquelas folhas...

MARCELO: *(Decidido)* Você não vai numerar folha nenhuma, menina. Vai escutar o que eu vou dizer, quietinha nessa cama. Entendeu? Se botar aquele disco de novo, se tomar a falar em Toninho, se tomar outro gole de uísque, eu te dou a maior surra que você já levou na tua vida. *(Verônica se cala, olhando o chão, amedrontada. Ele senta-se ao lado dela, contido)* Desculpe ter que usar este recurso. *(Sorri, sádico)* Mas eu estou seguindo os teus próprios conselhos. Vou ter que ser ra-di-cal, e violento. *(Ela morde os lábios. Tenta levantar-se, mas ele segura-lhe os braços)* Fique onde está, já disse!

VERÔNICA: NAZISTA! FASCISTA!

MARCELO: E fique quietinha aí. *(Levanta-se da cama, pega o copo de uísque. Enche-o, acende um cigarro, trêmulo. Pausa longa)* Muito bem, dona Verônica. Voltemos ao ponto de partida. *(Senta-se à mesa. Pega os papéis e começa a folhear. Ela olha os papéis e levanta. Ele grita)* Fica onde está. *(Ela senta a contragosto, amedrontada).* Está com medo de eu rasgar? *(Mostra os papéis. Ela assente sem dizer nada)* Ou é medo de eu LER as besteiras que estão aqui. *(Sorri, cínico)* Vou ler sim, mas não agora.

VERÔNICA: Você não vai ler. Me dá isto aqui! *(Corre até ele, tenta tirar-lhe os papéis. Eles lutam. Ele segura-lhe o pulso sorrindo, e afasta os papéis dela, sadicamente. Ela tenta pegá-los com aflição)* Me dá os meus papéis... Você não tem esse direito! Eu não quero te mostrar! Eu não quero que você leia!

MARCELO: Sente-se no teu lugarzinho e para com esta histeria. *(Pausado e paternal)* Senão eu leio, rasgo, faço o que bem entender. Volta pro teu lugarzinho... *(Ela volta para a cama, senta-se pesadamente. Morde os lábios)* Por que este medo que eu leia? Que é que está escrito aqui? Alguma coisa imoral? *(Folheia. Ela começa a chorar como uma criança).*

VERÔNICA: Eu não quero que você leia. Não quero! Não quero ouvir as tuas críticas. Estou cheia das tuas críticas! E das tuas autocríticas...

MARCELO: Se você acha que eu não presto como escritor nem como professor, por que este medo da minha crítica? *(Cínico começa, a ler fazendo suspense)* Vamos ver... vamos ver o que há com a jovem dramaturga...

VERÔNICA: A peça é minha!

MARCELO: *(Lendo, sorridente)* “meu amor... vamos incendiar o mundo... ele envelheceu... vamos incendiar o mundo e dormir na relva verde, livres e nus como só os animais sabem ser...” *(Ri, irônico, e continua lendo)* Bla... bla... bla... tal e coisa... coisa e tal... *(Atira os papéis longe, e continua rindo)* Ah... um manifesto anarquista... *(Ela meneia a cabeça).*

VERÔNICA: Não.

MARCELO: O que é então? Teatro do absurdo?

VERÔNICA: Não...

MARCELO: Então que merda é essa? Eu não entendi... “vamos incendiar o mundo, e vamos dormir na relva verde, livres... como só os animais...”. Não entendi.

VERÔNICA: (*Furiosa*) Pra bom entendedor meia palavra basta.

MARCELO: Digamos que eu seja retardado.

VERÔNICA: Retardado, não digo. Mas acadêmico e ultrapassado, acho que sim. Que é que tem de incompreensível nesta frase?

MARCELO: EU não compreendi...

VERÔNICA: Vire-se. Não vou explicar nada.

MARCELO: Por favor, minha dramaturga... (*Sorri*) Uma questão de esclarecimento...

VERÔNICA: Tá bem. (*Irônica também*) Que é que você quer que eu explique, mestre Marcelo?

MARCELO: Esta frase: VAMOS INCENDIAR O MUNDO.

VERÔNICA: Quer dizer: Vamos incendiar e destruir esta merda que está aí.

MARCELO: O que, em especial?

VERÔNICA: Pra começar, a televisão. Depois, a sagrada família, os preconceitos de raça, sexo, religião... (*Didática*) O conceito de certo e errado, o conceito de bem e mal... Não vai sobrar nada.

MARCELO: Como eu disse: Um manifesto anarquista. Destruir tudo! E depois? (*Sorri*) Vamos ver o que você e o Toninho propõem para a humanidade, depois de incendiarem tudo.

VERÔNICA: Nós não gostamos de propostas...

MARCELO: Então vamos mal...

VERÔNICA: Nós não cagamos regras... Manjou? Porque qualquer um que se meter a dar uma resposta a isto que você perguntou, estaria cagando regra.

MARCELO: *(Ainda mais irônico)* Como? Quer dizer então que vocês pretendem dinamitar o Planeta, destruir tudo o que está dado, porque acham que o mundo está velho... como diz a frase que eu li... *(Assustado)* Não propõem solução alguma? Mas então vamos mal... muito mal mesmo...

VERÔNICA: Qualquer solução neste momento é falsa!

MARCELO: Ah... *(Totalmente debochado, fingindo espanto)* Digamos, por exemplo, que eu também ache uma merda tudo como está... e igualmente proponha a destruição implacável! *(Sorri)* Só que eu acho que alguma coisa tem que vir DEPOIS do incêndio. Ou não? Por exemplo... *(Finge raciocinar)* Um governo proletário.

VERÔNICA: Não queremos governo de espécie alguma. Nem proletário, nem burguês, nem católico... Não queremos sistemas... Queremos o mundo livre de sistemas!

MARCELO: *(Sorrindo)* O reino livre dos instintos!

VERÔNICA: *(Debochando também)* Exatamente. O reino livre dos instintos.

MARCELO: *(Gesticulando)* Tudo é válido... tudo se justifica... *(Faz um gesto displicente)* Todo mundo nu, tal e coisa...

VERÔNICA: *(Batendo palmas)* Isto!

MARCELO: *(Chocado)* Aquele maconheiro conseguiu bem enfiar minhoca na tua cabeça. Não digo? POR ISTO é que eu acho que você não deve andar com ele. Você já é porra-louca sozinha. Ainda mais se juntando com um delinquente como o Toninho... só pode dar nisso mesmo...

VERÔNICA: Quem te disse que ele é maconheiro?

MARCELO: E eu sou cego?

VERÔNICA: Parece... parece...

MARCELO: PARECE. Parece, apenas... mas eu estou cansado de ver os olhos dele, vermelhos, inchados... Eu já peguei ele em flagrante uma vez. Vai me dizer que não é verdade que ele fuma maconha?

VERÔNICA: Fuma. Mas daí a SER MACONHEIRO... a diferença é grande.

MARCELO: Não vejo diferença. Fuma maconha, é maconheiro. Ponto final.

VERÔNICA: Este teu raciocínio está precisando de uma boa lubrificação. Põe um tigre na tua cuca. Marcelo! Então, se eu fumo maconha, sou maconheira?

MARCELO: Não foi UM dia que ele fumou, minha filha. Larga de ser inocente. Ele fuma todo dia, e a prova está nos olhos dele...

VERÔNICA: Tá certo. Quer saber do que mais? Eu não tenho nada nem contra a maconha, nem contra os maconheiros.

MARCELO: Você pretende ser maconheira, então?

VERÔNICA: Pode ser, como pode não ser. Ninguém pode prever o dia de amanhã. Hoje eu não tenho a mínima vontade de fumar maconha, de me matar, de jogar dinamite... Amanhã, sabe-se lá. Eu posso amanhecer furiosa e então... Fumo maconha, mato, jogo dinamite... *(Faz beicinho)* Sabe-se lá... Nada é tão previsível quanto você pensa...*(Pausa longa. Ela não está mais apavorada. Vai até ele abraça-o)* Assim como agora me deu vontade de fazer as pazes.. Vê? Agora há pouco eu estava com medo de você me bater... agora não estou mais... *(Beija-o com força no peito)* Olha... o teu peito é tão gostoso de deitar... *(Aconchega-se carinhosa)* Passou toda a minha raiva... *(Oferece a boca)* Me beija? *(Ele não beija. Parece frio e indiferente)* Marcelo, você não vai me beijar?

MARCELO: Não.

VERÔNICA: *(Desabotoando a camisa dele e beijando-lhe o peito, como uma criança beijando o pai)* Não faz mal. Eu beijo você. Eu não guardo rancor.

MARCELO: *(Afasta-a)* Você não vai ao hospital então?...

VERÔNICA: *(Segurando-o com força)* Vou sim... vou... faço tudo que você quiser. Tá?

MARCELO: *(Olhando-a seriamente)* Vai mesmo?

VERÔNICA: *(Assentindo com a cabeça)* Desminto tudo que eu disse pra tua mulher. Faço o papel de louca. Vou até vestida de Ofélia, se você quiser. Só te peço uma coisa. Você não fala a história do suicídio, tá? *(Ele abraça-a. Vão andando assim até a cama)*

MARCELO: *(Tentando convencê-la)* É só pra consertar... Que é que tem isso? Você está ligando alguma coisa pro que minha mulher acha ou

não de você? *(Deitam-se. Ele agora é carinhoso também).*

VERÔNICA: Ligar pra ela eu não ligo. Mas...

MARCELO: Que diferença faz se você um dia tentou se matar ou não?

VERÔNICA: Eu não quero que você fale. Só isto. Eu não gosto desse assunto. Mas eu falo pra ela que você nunca me tocou um dedo. Falo que eu dei em cima de você o tempo todo... Falo que você é um santo... um professor muito... “respeitoso”... Prometo que falo. *(Pausa. Ela oferece outra vez a boca)* Mas agora, me beije. *(Eles se beijam. Abraçam-se. Deitam-se na cama, e respiram aliviados, após a pausa.)*

MARCELO: Vamos ver então... como é que a gente faz! *(Raciocinando)* Você vai primeiro... eu vou depois... Não. Vamos os dois juntos... Olha, você vai dizer assim *(Vai falar. Ela não deixa. Beija-o na boca)* Espere meu bem... Vamos continuar a combinar... Vamos... *(Ela continua beijando o peito, o pescoço, com fúria, sem prestar atenção ao raciocínio que ele está tentando desenvolver)* Verônica... Vamos raciocinar, senão a gente se contradiz e aí fica tudo muito pior... *(Ela continua a acariciá-lo, sensual e brincalhona)* Assim não dá... Verônica...

VERÔNICA: *(Sorri, larga dele e faz com a mão como se estivesse medindo)* Um... dois... três... quatro... cinco... seis! Seis palmos! Assim tá bom? Ou precisa de uma légua pra raciocinar?

MARCELO: *(Sorrindo)* Não. Assim já dá.

VERÔNICA: *(Ficando de pé, faz a pose do Sócrates, pensando)* Vamos raciocinar... raciocinar...

MARCELO: *(Deitado, não vê que ela vai andando na pose de Sócrates até a garrafa, na ponta dos pés)* Olha... Primeiro eu vou chamar o médico.

Explico pra ele tudo o que aconteceu... Falo que trouxe você comigo, depois eu entro no quarto, ouço o que a Isaura vai falar. Aí eu te chamo e... *(Olha-a subitamente e pega-a em flagrante dando uma golada na garrafa)*
Larga esta garrafa.

VERÔNICA: *(Sobressaltada, larga a garrafa)* Que grilo!

MARCELO: Você está a fim de puxar briga?

VERÔNICA: *(Com as mãos postas)* Só mais um golinho, mestre Marcelo! *(Ele vai até ela furioso e tira-lhe brutalmente a garrafa das mãos).*

MARCELO: Nem um gole mais! Se você fosse minha filha!

VERÔNICA: Graças a Deus eu não sou! Você é a própria repressão personificada.

MARCELO: Eu EDUCO minha filha! Só isto.

VERÔNICA: Que é que você entende por educar? Reprimir?

MARCELO: E quem disse que eu reprimo a Verinha? Ela?

VERÔNICA: Mas imagine se ela ia entrar nestes... *(Ridiculariza)* “pormenores familiares”... Roupa suja se lava em casa. Eu imagino que você reprime. EU que não sou tua filha, você reprime, que dirá ela...

MARCELO: *(Parece surpreso)* Ah, então eu te reprimo!

VERÔNICA: E não?!!! *(Imita-o com voz grossa)* “Verônica, não faça isto... Verônica não mate aula. Verônica, não saia com o Toninho...” *(Ofegante)* E isto não é reprimir? Pior que meu pai, pior que todo mundo...

MARCELO: Muito bem, minha bonequinha anarquista... então, se eu

não existisse, se não existisse o teu velho Marcelo, paternalista e repressor... que que você faria?

VERÔNICA: Eu faria tudo o que me desse na telha. *(Pega os papéis sobre a mesa e começa a ler)* Por exemplo: Agora eu estou com vontade de organizar isto aqui, que está uma bagunça só. Sei que você não vai deixar, porque quer combinar comigo a embromação que nós dois vamos fazer lá no hospital.

MARCELO: *(Zombeteiro ainda)* Você disse o que, que eu não ouvi direito? *(Põe a mão no ouvido sorrindo muito)* Você disse... “organizar”... se eu não me engano...

VERÔNICA: Disse que estou com vontade de or-ga-ni-zar a papelada...

MARCELO: *(Cínico)* Mas organizar pra que? *(Rindo muito)* Não é você que é contra toda forma de organização?

VERÔNICA: Não me enche. *(Continua lendo)*.

MARCELO: Voltando ao ponto crítico... vamos lá... então eu te reprimo. Sou um chato cagador de regras. Pobre da Vera minha filha. Não é? Se eu não existisse... se não ninguém pra te obrigar a não matar aula, por exemplo... você não ia mais à aula?

VERÔNICA: *(Lendo)* Eu ia às aulas que me interessassem.

MARCELO: E com as outras matérias, você fazia o que?

VERÔNICA: Não assistia simplesmente.

MARCELO: E colava no exame final?

VERÔNICA: Colava.

MARCELO: Admitindo-se a hipótese de que fosse impossível colar.

VERÔNICA: Sempre deu pra colar.

MARCELO: Vamos supor, vamos supor que o diretor coloque quatro pessoas tomando conta da sala.

VERÔNICA: Aí eu suborno o bedel, ele leva as perguntas pro Toninho, que já estará estrategicamente no pátio. O Toninho responde tudo com um *walk-talk* que eu recebo através do meu relógio, que aparentemente é um inocente Omega. Mas, que na realidade, é uma obra-prima da moderna eletrônica japonesa: um receptor transistorizado!!!

MARCELO: (*Rindo*) Você ganhou essa. Vamos pra outra. Se eu não te impedisse de beber, você ia beber duas vezes mais do que já bebe...

VERÔNICA: Quatro vezes mais...

MARCELO: E daí...

VERÔNICA: E daí o que? Eu ia beber quatro vezes mais, e ponto final.

MARCELO: Ponto final uma ova! A consequência disto é que você ia virar uma alcoólatra de uma vez. E virando alcoólatra ia envelhecer mais cedo. E envelhecendo mais cedo, não ia conseguir ser atriz, nem dramaturga, nem coisa nenhuma. Não pense que as coisas ficam por isto mesmo: “Bebo porque bebo”. Não senhora! O raciocínio correto é este: “Bebo por causa disto, e isto tem uma consequência X”.

VERÔNICA: Causa e consequência... causa e consequência!...

MARCELO: Causa e consequência! É assim que as coisas acontecem! Se eu joga este guarda-chuva no chão... (*Joga o guarda-chuva*) Ele cai no chão. Causa: Joguei o guarda-chuva. Consequência. (*Ri*) Ele caiu no chão!

(Abre os braços após a explicação. Ela sorri).

VERÔNICA: Não diga. Você percebeu que acabou de constatar o óbvio? *(Dá uma gargalhada)* É claro que se você joga o guarda-chuva no chão, ele cai no chão. Ah...

ah... ah... Seria genial se não caísse.

MARCELO: Pois é... o óbvio... Parece que você não enxerga nem o óbvio. É capaz de querer me provar que o guarda-chuva podia sair voando, que tudo depende, que nada é tão certo assim etc. e tal. *(Rindo também)* Você é mais relativa que o próprio Einstein.

VERÔNICA: Ai! Que vontade que eu tenho de que, só pra te contradizer... o guarda-chuva saísse voando mesmo! *(Ela não aguenta de tanto rir. Faz gesto de mão imitando pássaro voando)* Imagine a sua cara!

MARCELO: Pois isto nunca vai acontecer. Tenho absoluta certeza. *(Ela continua rindo e mexendo nos papéis, distraidamente)* Chega de brincadeira, tá? Concordo com você que eu sou chato, repressivo, e tal e coisa... Mas agora para de numerar estas folhas e vamos combinar o negócio do hospital? Eu tenho que sair daqui a pouco, pra ir pra lá.

VERÔNICA: Pode ir falando que eu estou ouvindo daqui. Você mesmo pediu pra eu ficar longe de você, que comigo perto você não raciocina. *(Olha para ele)* Não foi isso? Então, fala daí.

MARCELO: Está bem. Vamos por partes. Primeiro...

VERÔNICA: Primeiro... *(Volta a ler).*

MARCELO: Eu vou ao hospital SEM você. Aí eu falo com o médico. Daí a uma meia hora você vai atrás. Eu aviso todo mundo que você vai lá

se explicar. Daí...

VERÔNICA: *(Corrigindo qualquer coisa, distraidamente nem prestando atenção ao que ele está dizendo)*... Daí...

MARCELO: Quer prestar atenção ao que estou dizendo?

VERÔNICA: Estou prestando!

MARCELO: Você não pode pensar e corrigir estas folhas ao mesmo tempo.

VERÔNICA: *(Irritada, faz novamente a pose)* Será que eu tenho que ficar assim, para mostrar que estou pensando? Penso, logo existo...

MARCELO: E eu, desisto.

VERÔNICA: O trocadilho foi bom. Mas você desiste do que?

MARCELO: De conversar com você.

VERÔNICA: Fiz alguma coisa que te aborrecesse?

MARCELO: Simplesmente não parou de fazer palhaçada o tempo todo. Ou está imitando o Sócrates nesta pose ridícula, ou está imitando a Ofélia, ou está imitando a minha filha, ou a puta que pariu. Não houve um minuto só que você parasse de imitar alguém e falasse como Verônica Prado...

VERÔNICA: Mas Verônica Prado é atriz! A profissão exige que se imite!

MARCELO: Agora quem diz o óbvio é você.

VERÔNICA: Uma vez cada um.

MARCELO: Vamos conversar sério, como gente grande, ou não dá?

VERÔNICA: Dá.

MARCELO: Sem encenação?

VERÔNICA: Hum... hum...

MARCELO: Sem disco, sem bebida?

VERÔNICA: A seco?

MARCELO: E sem bolinação?

VERÔNICA: Sem bolinação, Frei Marcelo!

MARCELO: E sem gozação também.

VERÔNICA: DO JEITO QUE VOCÊ QUISE! Ai, como você torra!

MARCELO: E sem gritar... e sem gritar...

VERÔNICA: Está bem... está bem...

MARCELO: Então vem aqui.

VERÔNICA: Mais alguma ordem?

MARCELO: Não amole. Vem aqui.

VERÔNICA: *(Sentando-se na cama)* Pronto.

MARCELO: Então está combinado? Você vai ao hospital?

VERÔNICA: Vou. Você vai primeiro, que eu vou depois. Mas... não se fala na estória do meu suicídio, tá?

MARCELO: Tá.

VERÔNICA: E tem mais: Eu vou fazer uma coisa que é contra os meus

princípios: Conciliar. Indo ao hospital e inventando a estória do professor caridoso e da jovem apaixonada eu vou estar contrariando os meus princípios que são: não fazer concessões com “a família, a propriedade e o estado”. Em troca disso eu quero uma coisa sua.

MARCELO: Depende do que...

VERÔNICA: Cada um cede de um lado. Eu faço o,que você pediu. E você vai me prometer que não me enche mais o saco com o negócio do Toninho, e que não briga mais comigo por causa dele.

MARCELO: *(Contrariado, mas resignando-se)* Tá bem. Está combinado então. Eu não te amolo mais com o Toninho e em troca você vai ao hospital, limpar a minha barra.

VERÔNICA: Sem a estória do suicídio.

MARCELO: Sem suicídio.

(Dão-se as mãos como que selando um pacto. Abraçam-se, rindo. Começam a rolar na cama),

MARCELO: Você quer? *(Beijando-a)*.

VERÔNICA: Quero. *(Apagam a luz, fica apenas um abajurzinho aceso)* Meu Marcelo... Você hoje quase me mata... *(Ri. Ele resmunga coisas carinhosas, ininteligíveis)*.

MARCELO: No fim tudo acaba bem... sua teimosa... *(Ela se enfia debaixo da colcha, e joga a malha de ballet no chão; Ele se enfia também debaixo das cobertas, e começa a beijá-la furiosamente. Ela vira-se de costas, e enquanto ele beija-lhe as costas, marota e infantil, pega o guarda-chuva no chão, enfia-lhe a malha de ballet na ponta de maneira a*

parecer que segura um estandarte) Ei... que é que você está fazendo aí? (Ela começa a rir estrondosamente. Ele olha para o alto e se depara com a malha de ballet erguida na ponta do guarda-chuva. De repente, começa a rir também).

VERÔNICA: *(Às gargalhadas)* Promete respeitar esta bandeira preta?

MARCELO: Prometo, minha querida... Prometo...

(Eles se abraçam. Ele repete a frase e beijando-a, tira-lhe o guarda-chuva da mão).

FIM DO 1º ATO

SEGUNDO ATO

(Penumbra. A luz vai acendendo lentamente. Verônica dança freneticamente um iê-iê-iê agitadíssimo. Bebe. Dançando aproxima-se do telefone. Parece em transe quando disca um número).

VERÔNICA: Alô... Oi... *(Faz gestos exagerados)* Toninho, sabe o que eu estou fazendo? Adivinha... *(Faz um gesto maroto)*. Cruzes! Por Lúcifer. *(Ri)* Estou tirando... *(Ri)* Estou tirando diabo do corpo. *(Pausa)* Não quer sair. *(Gestos escandalosos)* Tá difícil. *(Exorciza-se)* Toninho a nossa peça está ò que se pode chamar de uma verdadeira bosta. *(Fica séria)* O Marcelo que falou. O que? *(Pausa)* Não, não foi isso. Ele falou que estava desconexa e falsa. Isto fora ele achar que estava reacionária. *(Conta nos dedos)* Falou uma porção de coisas. Que ninguém ia entender nada... que só nós dois mesmo pra escrever uma porcaria daquelas. *(Pausa longa)*. *(Ela continua a rir)* Toninho, eu não sei se ele tem razão ou não. O fato é que eu não consigo escrever depois que ele começou a pontificar sobre a nossa peça. *(Pausa)* Tô ouvindo o disco novo que você me deu. Poxa, é genial! Você tem gosto pra disco. Aliás, pra tudo. *(Ri)* O exame? Deu duvidoso. Veja você; tudo comigo tem que ser mais ou menos. Azar... Pois é. Posso estar grávida, como posso não estar. Depende do sapo. *(Ri alto. Pausa)* É do sapo, sim. Que bruxaria nada. É assim. Eles injetam urina da gente num sapo. Se o sapo morre, é porque a gente tá grávida. Se não morre é porque não está. Parece que o bicho nem morreu nem deixou de morrer. Sei lá. *(Pausa)* Eu hein? Não falei nada pro Marcelo, não. Ele ia dar uma de romântico e ia querer o filho. Mas eu vou rezar pra dar negativo o resultado. Que filho, Toninho! Você ficou louco? Pra que é que eu vou querer um filho? Que é que eu ensino pra esta criatura? Nunca. E já pensou o desastre se o Marcelo resolve criar a criança à maneira dele? *(Pausa. Ri. Pausa)* Já pensou, o meu filho, coitadinho, virando burocrata? Daqueles

que fazem mil reuniões por dia pra decidir se focinho de porco é tomada ou não é? O pior não é isso. O pior é se for menina. Não quero nem saber. Eu já não aguento comigo. *(Faz gestos de iê-iê-iê, displicente)* Quentíssimo esse disco! *(Pausa)* Sei lá, Toninho, essas pílulas... Bom, eu me atrapalho toda. Isto que é. Tomo tudo errado, ou então esqueço de tomar. Foi por isso que engravidei de besta umas mil vezes já. *(Pausa)* Essa vez... *(Prepara-se para contar)* Eu tinha brigado com o Marcelo. Aí, joguei o pacotinho das pílulas no lixo, em sinal de protesto. *(Ri)* E estava na metade do mês. Me entubei. *(Pausa)* Você vai o que? Não posso acreditar. Virou crente agora? Vai estudar? *(Ri)* Eu não. Não ensaiei nada. Não estou com saco. Ah... ele gostou da Ofélia. Fiz pra ele ver. E ele achou bacana. Claro que botou uns defeitinhos. Mas isto ele tem que fazer. Eu acho que fiz a Ofélia mais genial do mundo. O próprio Shakespeare gamaria em mim se me visse. *(Marcelo entra na sala. Ouve o iê-iê-iê e tapa o ouvido. Ao vê-lo entrar Verônica muda de tom. Toma-se séria de repente)* Tá, então eu te ligo depois, "Antonieta". Beeijão pras crianças. *(Bate o fone. Marcelo desliga a vitrola e senta-se)* *(Ele parece cansado e abatido. Verônica aproxima-se dele e beija-o no rosto)* Tudo legal?

MARCELO: Estou de saco cheio hoje. *(Pausa longa)*.

VERÔNICA: Você foi na televisão? Eles te pagaram?

MARCELO: Pagaram. Finalmente pagaram. Pensei que eu fosse ter que incendiar aquela droga, mas não foi preciso. Eles pagaram.

VERÔNICA: Devia ter incendiado assim mesmo. *(Sorri, infantil e terna. Ele acaricia os cabelos dela, parece realmente muito cansado)*

MARCELO: O chato é que eu tive de renovar o contrato. A novela tinha que acabar, e os caras querem mais. E assim vai. O dramalhão não acaba

nunca. Daqui a seis meses renovo o contrato. Mas o dramalhão não acaba! Nunca! Vou acabar virando máquina de fazer dramalhão. *(Pausa)* O pior é que não tenho nada na cabeça. Não sei que raio de gancho vou bolar desta vez. Verônica, estou tão cansado e tão cheio dessa televisão que me dá nojo até olhar pra máquina, só de pensar nas merdas que eu vou ter que escrever.

VERÔNICA: Você devia ter tido peito e recusado o contrato novo.

MARCELO: É? E quem me dá esse? *(Faz gesto querendo indicar dinheiro)* Não sou filho de pai rico como você.

VERÔNICA: Então paciência. Você não preferia estar fazendo um troço bacana e ganhando menos?

MARCELO: Eu sei o que eu faço. Tá? Quero saber uma coisa: Você ensaiou? O exame é amanhã. Vou te avisando que se fizer um mau exame vai ter a nota que merece. Eu não vou te dar a menor colher de chá. Não vou mesmo. *(Aponta a garrafa)* Bebeu de novo, não é? Claro. Bebeu e ficou dançando, pra variar... Ou seja, não fez nada que prestasse o dia todo. Não escreveu também...

VERÔNICA: Você achou que a peça estava ruim.

MARCELO: E estava mesmo. Mas por isso você tem que parar de escrever?

VERÔNICA: Não estou com vontade de escrever nem de ensaiar.

MARCELO: Pois devia dar um jeito. O exame é amanhã, repito. Tem pouco tempo pra ensaiar. *(Pausa, Ele está irritado. De repente parece ter uma ideia que o entusiasma)* Escuta, por que... *(Segura-a)* por que você não termina logo esse raio dessa peça sua, e assim a gente monta? Eu dirijo, você faz o papel principal, e a gente pega o resto do pessoal da escola pra

fazer o resto. (*Entusiasmado*) Você topa? Mas é pra valer. É sério.

VERÔNICA: (*Animada com a ideia*) Por que não escreve você mesmo?

MARCELO: Porque eu não tenho tempo. Tenho que fazer dois capítulos por dia dessa droga de novela. (*Pausa longa*) Além disso, eu... não acredito que consiga escrever. Acho que não consigo escrever nada sério. Isto acontece com muita gente.

VERÔNICA: (*Após uma pausa*) Você admite que brochou então.

MARCELO: Brochei... (*Sorri*) Talvez seja a falta de tempo. Talvez o cansaço... Ou então é por que acabou-se o meu estoque. Eu não tenho mais nada pra contar pra ninguém. Deve ser isso.

VERÔNICA: Que fossa, credo!

MARCELO: Se você acabasse a sua peça, eu dirigia... e...

VERÔNICA: Pode deixar que um dia eu acabo esta peça. Deus me livre de brochar.

MARCELO: (*Após uma longa pausa*) Você não vai ensaiar pro exame, Verônica?

VERÔNICA: Não.

MARCELO: (*Irritado*) Vai ensaiar, sim. Vamos lá. (*Procura um livro na prateleira*) Achei. (*Animado, paternal*) Hamlet, Príncipe da Dinamarca! (*Dá-lhe um tapinha carinhoso*).

VERÔNICA: Não adianta forçar. Se eu quisesse te obrigar a escrever uma peça você escreveria?...

MARCELO: Mas é diferente. Você é uma irresponsável. Isso que você

é. O exame marcado pra manhã, e a menininha ainda nem começou a...

VERÔNICA: (*Interrompendo*) Não vou ensaiar, e pronto! (*Pausa. Ela pega um copo*) Quero beber. Vem beber comigo, pelo menos uma vez na vida faz o que eu te peço. (*Marcelo nega com a cabeça*).

MARCELO: Eu vou embora. Tomo um uísque só. E depois me mando, por que tenho um compromisso...

VERÔNICA: Deu algum galho na tua casa?

MARCELO: Não. Está tudo em paz. (*Esconde a garrafa*) Você vai tomar esta dose só. Tá bem? Não quero ninguém de fogo.

VERÔNICA: Mas você vai embora mesmo. (*Tira a garrafa do armário*).

MARCELO: (*Irritado*) Por que eu vou embora tem que desembestar, é? Quer dizer que se eu não estou aqui pra te dizer o que é certo e o que é errado, você cai no caos mesmo. Na loucura. Sim, porque você precisa de um pai. (*Verônica bebe*) Pra que você bebe? Pra esquecer? Não acha meio antiquado isto? Isto é a coisa de poeta do século passado. Isto é par-na-si-anis-mo!

VERÔNICA: Estou pouco ligando se é parnasianismo ou não. E não bebo pra esquecer. Bebo porque bebo, como já te repeti um trilhão de vezes. Digamos que beber acalma... relaxa...

MARCELO: Relaxa mesmo. Relaxa tanto que dopa. E tira a consciência. A consciência é a coisa mais importante que a gente tem. Perdeu... perdeu tudo.

VERÔNICA: (*Coloca a garrafa no armário e atira o copo no chão*)

violentamente) Lá vem regra! Pronto. Não bebo mais.

MARCELO: (*Olhando para os cacos*) Você vai limpar isto agora. Vai pegar o pano e vai limpar. Tá pensando o que? (*Faz um gesto com as mãos*) Estou por aqui com você...

VERÔNICA: Idem... idem... idem... E não vou pegar pano nenhum. Vou avisando. Poxa, mas você é chato... (*Pausa*) Eu chego aqui, louca pra te ver, pra ficar um pouco em paz com você e... você só sabe puxar briga comigo... (*Terna, infantil*) Marcelo, meu Marcelinho, olha pra mim, vamos ficar de bem...

MARCELO: Você não ensaiou, não escreveu, não arrumou esta bagunça... (*Olha o apartamento todo, que está uma verdadeira baderna*) (*Obriga-a a olhar*) Papel higiênico dentro da caveira (*Pega a caveira*) chiclete na minha máquina de escrever. Os óculos, como sempre, embaixo da cama! Olha o chiqueiro que está este apartamento! Gostaria de saber como é que você aguenta não fazer nada o dia inteiro.

VERÔNICA: Quem te disse que eu não faço nada?

MARCELO: E FAZ?

VERÔNICA: (*Gritando*) Faço! Faço muito mais do que você. (*Pausa longa*) Pelo menos quando eu danço, eu sinto o meu corpo se libertando... (*Sorri vagamente. Parece entrar em transe*) O meu corpo no espaço... (*Rodopia*) Os meus nervos, os meus músculos todos se contraindo e se relaxando... (*Começa a dançar iê-iê-iê lentamente*) (*De repente puxa Marcelo, que rejeita*) La-ri-li-la. (*Começa a valsar. Ele fica parado observando*).

MARCELO: Devia largar o teatro e começar a aprender dançar então.

Se o teu negócio é dançar, dance com método.

VERÔNICA: (*Parando*) Aí é que está. Se entrar o tal do método, eu começo a detestar a dança. Tem que nascer de dentro, tem que ser natural. Dançar tem que ser tão bom como não dançar. Vê se entende. Eu danço porque *gosto*, e só nas horas que *quero*. O método é uma cadeia. O método só serve pra atrapalhar.

MARCELO: Por isso mesmo que eu acho que nunca na sua vida você vai fazer nada direito. Tudo o que você fez, inclusive política, foi de brincadeira. Foi sem método, sem programa. Você mudou de *hobby* como mudou de partido, como mudou de homem. (*Ela dá de ombros. Continua dançando. Ele se irrita*). Mas você vai ensaiar, Verônica. Eu vou te obrigar! Não vou deixar você avacalhar com o curso também!

VERÔNICA: Não estou com saco! (*Repete*) Não estou com saco!

MARCELO: Você nunca vai fazer nada de concreto na tua vida!

VERÔNICA: (*Irritada*) E você fez? Você fez alguma coisa de concreto na tua vida? (*Inquisitiva*) Olhe-se no espelho. Veja bem a tua cara. Examine-se e responda com sinceridade. (*Cruel*) Você acha que dar as aulas que você dá, escrever as novelas que você escreve, viver com a família chata que você vive... Acha que isto é *fazer* alguma coisa?

MARCELO: Acho. Pelo menos eu não fico o dia inteiro dançando e olhando pro ar feito um débil mental.

VERÔNICA: Muito importante mesmo o que você faz. De um lado... (*Enumerando nos dedos*) a tua famosa consciência política! Ou seja: as regrinhas de vida que você aprendeu naquele partidão nojento. Essa tal consciência te ensinou que um dia vai surgir por aí uma revolução... (*Sorri*)

Vai “surgir”, porque se depender de você fazer com as tuas mãos... pois é. Essa tal revolução vai tirar a burguesia do poder e vai colocar o proletariado no lugar. Bom. Vamos por partes.

MARCELO: (*Interrompendo*) Estou gostando de te ouvir falar como gente. Não faz mal que seja pra me agredir...

VERÔNICA: (*Continuando*) ... por partes... por partes. O proletariado pra conseguir isso tem que ser ensinado, porque a consciência não cai do céu. E que é que você faz pelo proletariado? Você escreve novelas que ao invés de incitar alguma revolta em alguém pregam a humildade e a resignação. Você ajuda o proletariado a se render à evidência dos fatos. É ou não é? Como eu disse: (*Rindo alto*) Se a revolução for depender de “intelectuais de esquerda” (*Frisa com nojo*) como você, ela pode tirar o cavalo da chuva, porque não acontece nunca. Nem hoje nem no ano 2001.

MARCELO: (*Tentando reagir, fingindo ironia*) Ora, Verônica... você quer que eu banque o Dom Quixote? Se eu deixar de escrever pra televisão, vou alterar alguma coisa? Outros escreverão. Acontece que a televisão está *instalada* e não é pelo fato de eu sair dela que ela vai mudar...

VERÔNICA: Então admita que se vendeu a ela! Admita que, além de não ajudar esta tal revolução fantasma, você ATRAPALHA a própria...

MARCELO: Você está confundindo tudo. Minha luta não vai se travar no palco.

VERÔNICA: (*Rindo alto debochando*) Não vai se travar em lugar nenhum...

MARCELO: Eu tenho as minhas armas.

VERÔNICA: (*Fingindo duelar graciosamente*) E quais são as suas

armas, Senhor Intelectual de Esquerda? (*Pomposa, fingindo discursar*)
Quais são as suas armas para derrubar a burguesia?

MARCELO: (*Irritado*) As armas de um intelectual! Eu sou escritor. Como escritor, minha palavra é o meu fuzil...

VERÔNICA: (*Às gargalhadas*) Pois este fuzil só fere a quem quer ser ferido, entendeu? Você está fazendo revolução no palco, revolução de brincadeira, pra burguesia ver e achar muito bonito! E além disso, a mesma classe que você destruir é aquela que paga em tutu vivo a tua ilusão de guerra! (*Ri ironiza*) “Meu palco, minha trincheira! Minha palavra, meu fuzil”! Grandíssima merda! Grandíssima merda tudo isso. E repare que nem isto você fez, ou faz. Você não escreve uma palavra fora as novelas, e que eu saiba faz um tempão que você e os camaradinhas fósseis do tal partido não se reúnem. Portanto, você é apenas um pequeno-burguês acomodado e impotente, Nem intelectual de esquerda você é.

MARCELO: A “grande teórica” tem alguma coisa mais a declarar?

VERÔNICA: Tenho a declarar que você faliu. E por isso não tem o direito de me dizer que eu não faço nada que preste.

MARCELO: (*Irritado, procurando um livro*) Pelo menos você podia ter lido aquele texto do Brecht que eu te falei.

VERÔNICA: Não li porque estava na fossa. Meu pai me encheu o saco hoje. Uma pessoa de saco cheio não lê, não ensaia, não escreve, não faz revolução, não trepa, não...

MARCELO: Se você for esperar sair da fossa pra fazer alguma coisa, está frita. Você é a fossa personificada.

VERÔNICA: E quem tem pressa? Eu não tenho. Tenho 21 anos, não me

vendi a ninguém. Nem à televisão, nem à família, nem a partido político nenhum. Não devo satisfação a porra nenhuma. E posso esperar muito bem a minha fossa ir embora com calma.

MARCELO: Eu tenho pena do teu talento desperdiçado. Você podia ser uma grande atriz, uma grande escritora. E até mesmo uma verdadeira revolucionária, se não tivesse tanta covardia de enfrentar a vida.

VERÔNICA: Eu enfrento. Quem não enfrenta é você. Nem mandar aquela múmia da tua mulher plantar favas, você manda. Aposto que até trepa com aquela vaca por obrigação.

MARCELO: Chega! Você vai parar com essa agressividade. Eu não sou o frouxo do teu pai que aguenta tudo.

VERÔNICA: O frouxo do meu pai... *(Pausa longa) (Marcelo acende um cigarro e pega um livro) (Verônica parece se lembrar de alguma coisa) (Marota, como que comentando uma façanha)* Sabe, hoje o meu pai me torrou no duro...

MARCELO: Que foi que ele fez?

VERÔNICA: *(Contando, entusiasmada. Enquanto Marcelo parece mergulhado no livro)* Imagine você... eu estava calmamente na piscina tomando um uísque. De repente o papai me tira o copo da mão, sem mais nem menos, e começa a dizer que eu tinha que parar de beber, porque ia chegar um cara lá em casa, tal e coisa. Enfim, que eu ia ter que fazer sala pro cara, e não podia estar de fogo. Eu nem respondi. Só peguei o copo de novo e enchi até à borda. No que eu ia dar aquela golada, o papai me tirou outra vez o copo da mão e ficou me olhando. Aí eu dei a maior cuspidinha na cara dele. *(Ri, contente com a façanha)*.

MARCELO: (*Saindo da inércia, assustadíssimo, incrédulo*) O que?... Você cuspiu... no teu pai? (*Ela assente, contente*) Mas... mas... e ele não fez nada? Não te deu a maior surra do mundo?

VERÔNICA: Não, ele não é disso. Não tem peito. Ele apenas mudou de lugar, foi pra a outra borda da piscina e continuou lendo a cotação da bolsa! Dai um pouco chegou o tal cara. Imagine! Era o Maciel. (*Ri*) O Maciel, nunca te falei nele?

MARCELO: Sei. Sei. Um tal que sempre te leva bombom, que te pediu em casamento...

VERÔNICA: Ele mesmo. Acho que ainda não desistiu de casar comigo. Não sei o que ele viu em mim. Dinheiro não é, porque ele é rico. Muito mais rico do que meu pai. Deve ser masoquismo mesmo. (*Ri*) O cara sabe que vai sofrer se eu for mulher dele. Sim, porque eu acabaria com a raça dele. Grã-finão cretino! Marcelo, você precisa ver as amigas dele! Umas vacas com estola de vison, com umas caras de gesso! Um troço horrível. Insuportável! E o meu pai, certo de que era só me tirar o copo da mão, que eu me tomaria respeitável com a besta do Maciel...

MARCELO: (*Divertido*) E que foi que você fez? Fez sala pro cara ou não?

VERÔNICA: Eu? Muito pelo contrário! Ele chegou com a caixa de bombom, pra variar. A mesma marca de sempre. Eu disse que odiava bombom, porque estava fazendo regime pra emagrecer. Aí o cara quis bancar o gentil, e disse que o meu corpo estava muito bom, etc. e tal... Sabe o que eu fiz?

MARCELO: (*Interessado*) Um *strip-tease* (*Ela assente*).

VERÔNICA: Ameacei tirar o *soutien* do biquíni pro cara ver como eu era gorda de fato. Meu pai levantou de onde estava. (*Imita o pai com desprezo, avacalhando a postura ao máximo*) Tomou a me tirar o copo da mão e disse: “Vou te internar num hospício. Além de vagabunda, você virou doida varrida. E na minha casa eu não admito doido”, (*Indignada*) Segurou o meu braço com a maior violência e disse pra eu me vestir que tinha mais visita pra chegar. Aí eu não aguentei. Cuspi outra vez nele. Ri na cara do Maciel. E tirei o *soutien*. Meu pai continuou me apertando. (*Ri*) Eu dizia: “Me solta seu velho tarado”. E pro Maciel: “Viu como eu estou gorda? Não posso comer bombom, senão o meu seio cresce mais que o da Jane Mansfield”. O Maciel quase desmaiou. Adorei... (*Vingativa*) Meu pai me levou pra cima na marra.

MARCELO: (*Perplexo*) Isso é um absurdo!

VERÔNICA: E vai dizer que não fiz bem em cuspir na cara daquele fresco?

MARCELO: É teu pai! Você devia respeitá-lo!

VERÔNICA: Respeitar! Eu devia era cuspir muito mais nele. Família pra mim é lixo. Não acredito em pai, mãe nada disso. Ainda mais na MINHA família. Todos são uns merdas.

MARCELO: E precisa cagar em cima deles pra provar que eles são merda?

VERÔNICA: Preciso. Senão eles não percebem.

MARCELO: Você está doente. (*Larga o livro e parece querer convencê-la*) Está completamente doente! Olha, o teu ódio...

VERÔNICA: O meu ódio é santo! (*Rodopia*) Feliz daquele que sabe

fazer bom uso do ódio. E desgraçado do cristão que ainda acredita em perdão... Cuspo mesmo! (*Cospe no chão*) Não dou a face ao inimigo! Não dou, não dou e não dou...

MARCELO: (*Continuando*) Se fosse um ódio de classe... se você se enojasse do teu pai por ele ser capitalista... eu entendia. (*Frisa as palavras*) Mas é um ódio furioso. Sangrento mesmo! Tenho a impressão de que se não houvesse cadeia você matava o teu pai a sangue frio! (*Entre irônico e perplexo*) Você seria capaz disso! (*Ela ri alto*) Me conta uma coisa. Você sabe onde está a causa deste ódio?

VERÔNICA: (*Rindo*) Está na exploração do operariado... Na formação do capital. Eu odeio no meu pai justamente o capitalista que ele é.

MARCELO: Nada disso. A coisa é mais funda. Não vem com teoria pra cima de mim. (*Pausa. Irônico*) Poético... muito poético...

VERÔNICA: (*Revoltada*) Sujeitinho podre! Quis me obrigar a casar com um cara que eu não suportava, com 14 anos de idade... (*Acusadora*) Me mandou pra Europa sozinha, na marra, pelo simples fato de eu não ser mais virgem, não gostar do Jockey Club e gostar de calça Lee... detalhes insignificantes... que para ele são a própria vida. (*Faz uma banana com a mão*) AQUI! (*Pausa*) Eu passei quatro anos viajando. Viajando e me estourando. Mas agora voltei e entendi que ele fez muito bem em me mandar pra lá. Eu aprendi a ser diferente dele. Aprendi a ter nojo. Aprendi que a única coisa que ele, e todos os seus comparsas merecem, é cuspada em cima de cuspada.

MARCELO: (*Como se descobrisse uma pista*) Você odeia o teu pai. Não o capitalismo! (*Sorri, complacente*) Você tem rancores, não ideologias... Você tem mágoas... e não consciência...

VERÔNICA: Dá tudo na mesma. A gente é um só. Ou você quer separar a cabeça do coração, a bunda das calças e a consciência do desespero... Tudo dá na mesma salada, meu caro mestre! (*Pausa longa*).

MARCELO: Você não devia ter topado a viagem. Se não queria ir devia ter batido o pé e ficado. Não é você que é tão decidida?

VERÔNICA: Mas eu fui *sábia* em ter ido embora. Por lá eu aprendi que pouca coisa vale a pena. Passei por todas as fases possíveis. (*Conta nos dedos, debochando de si mesma*) Fui católica, depois mandei Deus e o papa plantarem fava no asfalto. (*Pausa*) Estudei pintura, canto, literatura, entrei pra uns dez partidos políticos... Em dois anos eu fui marxista, trotskista, guevarista, o diabo! Depois mandei tudo à merda... Aí comecei a DAR o dia inteiro. Devo ter trepado com a metade da França. (*Ri*) Imaginou se eu tivesse ficado? Eu teria feito uma plástica, virava virgem de novo, meu pai me botava na aula de etiqueta social, me fazia ficar sócia do Jockey Club e me arrumava um caçador de baú, pra eu não ficar “solteirona”... (*Debocha*) A estas alturas eu estaria na coluna do Tavares de Miranda, junto com a minha ilustríssima mãe, falando as mesmas palavras, morrendo da mesma doença. MEU PAI É UM GÊNIO! Meu pai fez muito bem em me tratar como um adversário. Ele sabe das coisas. Ele sempre deixou tudo muito claro. É como se ele quisesse dizer: “Verônica, veja bem o cretino que eu sou. Veja bem, porque assim você aprende que no mundo só existem cretinos e todos são egoístas, e não existe caridade, amor, essas coisas. O que existe é a violência”.

MARCELO: Puxa, mas que fossa...

VERÔNICA: Nestes três anos, eu tenho a impressão que foi você quem me segurou as pontas.

MARCELO: Segurei as pontas...

VERÔNICA: É... Se não fosse você eu não conseguiria segurar o meu ódio. Eu dava um tiro neles todos lá em casa. Até o Maciel ia entrar na brincadeira. Eu tinha vontade de incendiar, quebrar, dinamitar tudo! *(Mórbida, feliz com a ideia)* Incendiar a minha casa, a tua casa, o palácio do governo, as igrejas... Tudo, tudo...

MARCELO: Quer dizer que eu... fui uma espécie de anestesia?!

VERÔNICA: Anestesia, sim! Você me fez bem e me fez muito mal também.

MARCELO: Me responda uma coisa. *(Sério, após uma pausa longa)* Neste ódio todo que você sente... você acha que há lugar para o amor?

VERÔNICA: Eu te amo. Eu estou apaixonada. Violentamente apaixonada por você. É isto que você quer saber? E se der tudo pra trás, Marcelo, eu arrebento com o que sobrar.

MARCELO: Não entendi...

VERÔNICA: Não é pra entender...

MARCELO: *(Abraçando-a)* Eu sei. Não é pra entender. É pra sentir. Você é maluca de pedra, menina. Mas eu gosto de você.

VERÔNICA: Você gosta de sofrer. Como o Maciel...

MARCELO: Você está se desmerecendo. Por que é que uma pessoa que gosta de você é masoquista? Não acho. Você tem os seus defeitos, as tuas fossas, as tuas manias de incendiária, o teu “anarquismo”... Mas no fundo é uma boa menina.

VERÔNICA: *(Revoltada)* Nunca vou ser uma boa menina! Acho que todas as “boas meninas” do mundo deviam ser estrupadas, num mato cheio de bichos, de madrugada. *(Faz ar fúnebre)* Ali... *(Como se desse uma porretada)* Isso mesmo.

MARCELO: Vem aqui... Larga de ser violenta. *(Ela ri. Não parece tão violenta quanto quer. Marcelo, a um simples toque, demonstra ter poderes sobre ela. Ela se curva terna e infantil. Abraça-o e beija-o furiosamente como se comesse um doce)* *(Ficam alguns momentos nesta “bolinação”.* Verônica não parece uma mulher apaixonada, mas uma menina mimada, uma criança com fome. De repente larga Marcelo. Liga a vitrola. Põe um disco. Ele sorri enquanto ela dança sensualmente. Neste momento ela puxa Marcelo e quer obrigá-lo a dançar. Ele reluta. Sem jeito, completamente sem jeito, sem ritmo algum, ele começa a ensaiar alguns passos. Ela imita, ridicularizando-o. O iê-iê-iê toca em altíssimo volume. Os dois se animam. De repente Marcelo começa a rir, descontraído e perde a timidez inicial. Agora ele dança totalmente relaxado e ridículo. A cena é frenética. Marcelo arranca a gravata, despenteia os cabelos. Está possuído pelo demônio. Agora ele não é um sóbrio professor. Verônica abre o armário e desencava uma porção de fantasias. Roupas de cena as mais estranhas. Ele veste todas sobre o terno escuro. Alucinado, olha às gargalhadas para a caveira de Yorik, em cima da mesa, ainda dançando. Começa a jogar a caveira de uma mão à outra, como um malabarista. Verônica não se aguenta de tanto rir. Súbito o locutor da rádio diz soturnamente “Excelsior”... Marcelo desliga a vitrola, ofegante, os dois saem do transe).

MARCELO: Tem sempre que ter um chato pra dizer Excelsior...

VERÔNICA: *(Desanimada)* E... o cretino TEM que cortar a onda os outros. Tem que mostrar que o que a gente está ouvindo É rádio e que a

rádio *É* a Excelsior...

MARCELO: Pois é. A gente queria entrar num sonho maluco e não sair mais *(Ri)* Mas o cara disse: EXCELSIOR! E acabou-se o que era doce!

VERÔNICA: Vamos ligar de novo! *(Incisiva, Decidida)* Vamos! Quando ele disser EXCELSIOR, a gente não escuta, tá?

MARCELO: Não. Tenho que ir embora, Verônica. E você tem que ensaiar.

VERÔNICA: *(Emburrada)* Um dia eu incendeio o cara que diz Excelsior.

MARCELO: Mais um? *(Riem)* Quanta gente você tem que incendiar!

VERÔNICA: Todos os que cortam a onda dos outros! *(Cara de nojo, ridicularizando-se a si mesma).*

MARCELO: Pois é! *(Pausa longa)* Vamos ensaiar então, não é?

VERÔNICA: Tá bem, tá legal, pô! En-sa-i-ar! *(Entra resignadamente na coxia. Vai se preparar de Ofélia).*

MARCELO: Me diz uma coisa. Como é que vai o Maurício no Hamlet?

VERÔNICA: Não é mais o Maurício.

MARCELO: Quem então? O Jairo? *(Marcelo faz cara feia)* O Luís! *(Cara mais feia ainda)* O Julinho, então! *(De repente, como que em pânico)* Não me diga que é o Toninho!

VERÔNICA: Ele mesmo! *(Entrando outra vez, agora vestida de Ofélia, mas toda acorrentada comicamente por elementos de cangaço. Chapelão, tiras de bala etc.)* *(Marcelo assusta-se)* Ele mesmo! *(Ri)* Príncipe da

Dinamarca! E sabe quem dirige agora? (*Apontando a metralhadora*).

MARCELO: (*Resignado*) Ele, lógico! Já posso imaginar. “SER OU NÃO SER, PÔ; AÍ É QUE ESTÁ O BUSILIS”!

VERÔNICA: Eu acho que nós bolamos um troço pra frente pacas!

MARCELO: (*Ri, furioso*).

VERÔNICA: (*insistente, emburrada*) Vamos fazer uma versão totalmente porra-louca do Hamlet. Imagine que a Ofélia não fica louca, não senhor. Na nossa versão, ela é das maiores gozadoras. Ela FINGE que ficou louca. Mas está só tirando sarro da cara dos outros. E o Hamlet é um anarquista divino maravilhoso, (*Para a plateia, dinamitando ficticiamente, com sua patética metralhadora*) que vai botar fogo no reino podre da Dinamarca!

MARCELO: Vocês não respeitam nem Shakespeare!

VERÔNICA: Acho fantástico.

MARCELO: Coisa de retardados mentais.

VERÔNICA: Acadêmico, acadêmico... (*Batendo na mão, como criança fazendo birra*).

MARCELO: Eu preferia a peça que você estava escrevendo com ele. Pelo menos não liquidavam a obra-prima de ninguém.

VERÔNICA: O Shakespeare só foi o começo. Agora nós vamos liquidar com o Sófocles também. No que o Édipo descobre que comeu a própria mãe, não fica desesperado, não. Fica felicíssimo. Começa a ler Freud pra justificar o incesto. (*Marcelo está perplexo*) Pedre a mãe em casamento, e CASAM na Catedral da Sé, cantando (*Entoa a música de*

João Dias) “Mamãe... Mamãe... Mamãe... tu és a razão dos meus dias!”

MARCELO: Morro de rir. Enfim, olha, não vou te proteger só porque você é minha mulher. Vai ter a nota que merece.

VERÔNICA: Já falou isto dez vezes. E não sou tua mulher. Tua mulher é a Isaura.

MARCELO: Vai começar de novo?

VERÔNICA: (*Fazendo beicinho*) É ela que dorme ao teu lado, ela que faz comidinha pra você... ela que assina o teu sobrenome. (*Assina no ar*) Isaura Fonseca... (*Finge ter raiva*) Que inveja...

MARCELO: Viu como você é contraditória? Não estava falando agora mesmo que odeia esse negócio de família? Como é que sente inveja da minha mulher só porque eu casei com ela num cartório civil, e...

VERÔNICA: Eu tenho ciúme dela. É diferente. (*Abraça-o*) Um ciúme chato de doer. Fico horas imaginando você na cama com ela. Me conta uma coisa: Como é ela na cama?

MARCELO: (*Rejeitando os abraços de Verônica*) São pormenores íntimos que não te interessam. E pra mim isso é gostar de sofrer. Pra que você fica pensando nessas coisas? Só pode dar fossa mesmo. Eu acho que você procura a fossa, sabe...

VERÔNICA: (*Animada, infantil, como se competisse com Isaura*) Quantas ela aguenta na cama?

MARCELO: Chega! Mude de assunto.

VERÔNICA: Preconceituoso...

MARCELO: Não é isso. É que eu acho besteira falar de uma coisa que depois vai te fazer sofrer.

VERÔNICA: Que adianta você não responder? Aí eu fico imaginando como você trepa com ela, e caio na fossa do mesmo jeito.

MARCELO: Não vou falar nada a respeito disso e ponto final.

VERÔNICA: (*Subitamente gritando*) Eu quero saber quantas ela aguenta na cama!

MARCELO: (*Imitando o tom de voz de Verônica*) E eu não vou contar!

VERÔNICA: Eu odeio ela! Eu quero que você largue dela! (*Pedinte, amorosa*) Marcelo, meu Marcelinho, larga daquela velha chata...

MARCELO: Depois a gente discute isso, Verônica. Por favor...

VERÔNICA: (*Emburrada*) Eu quero que você largue...

MARCELO: Quando for a hora eu largo. Tudo tem sua hora e sua vez. Não adianta pressa.

VERÔNICA: Eu sou mais bonita do que ela, não sou? (*Requebra*) Sou mais inteligente, mais jovem...

MARCELO: Verônica, pare com isso...

VERÔNICA: Você fica com ela pela tradição. Pelo hábito.

MARCELO: Eu não quero tocar nesse assunto. (*Enervado*) Certo? E agora a menina vai ensaiar... (*Paternal*) Já está vestida. (*Olha-a*) Você está muito bonita. Muito bonita mesmo.

VERÔNICA: (*Emburrada ainda*) Isaura cretina. Acho que ela fez

bruxaria pra você não ter coragem de largar dela.

MARCELO: (*Fingindo não escutar*) (*Coloca-a no colo*) Hoje eu dancei com você. Não está contente?

VERÔNICA: Prêmio de consolação...

MARCELO: E deixei você beber...

VERÔNICA: Um uísque só, que adianta...

MARCELO: Mas você tem que ensaiar e tem que ensaiar em pleno uso das faculdades mentais.

VERÔNICA: Eu não vou ensaiar...

MARCELO: Vai sim. E eu já vou embora.

VERÔNICA: (*Agarrando-o*) Não. Não vai! Fica mais um pouco! Eu quero que você durma aqui hoje! Marcelo, hoje eu não quero voltar pra minha casa. Eu quero que você fique. Fica... Tá? Eu prometo que depois eu ensaio... (*Ele meneia a cabeça*).

MARCELO: Você sabe que eu não posso ficar. Não insiste que eu me irrita. E além do mais, quando a gente fica muito tempo junto, sempre acaba saindo briga.

VERÔNICA: E se sair briga? Paciência... Eu já acostumei. Você não?

MARCELO: Não. Me enche brigar tanto.

VERÔNICA: Eu quero dormir com você.

MARCELO: Olha, eu tenho que ir embora. Prometi que levava a Verinha ao cinema.

VERÔNICA: *(Gritando, emburrada)* Ela tem duas pernas. Pode ir sozinha! Ela não tem amigas? Não tem namorado?

MARCELO: Não sei... Não conheço nenhum namorado dela. Ela é muito criança ainda. *(Vai-se levantando)* Prometi que levava ela ao cinema. Tenho que ir. *(Ouve-se uma buzina maluca, destas que entoam música de Roberto Carlos. Verônica corre à janela, como que fascinada).*

VERÔNICA: É o Toninho! *(Debruça-se na janela)* Toninho! *(Grita)* *(Ri, muda de humor)* Que bom que você veio! Você ensaiou? *(Ele fala qualquer coisa do lado de fora)* Sei, eu sei que eu devia ter ido ensaiar com vocês, mas eu não estava com vontade. O Marcelo está aqui, sim. *(Pausa longa, enquanto do lado de fora Toninho diz alguma coisa que faz Verônica cair na gargalhada. Marcelo se enfurece, enciumado. Começa a puxá-la da janela).*

MARCELO: Chega de conversa mole com este porra-louca. Vai, sai daí.

VERÔNICA: *(Para Marcelo, depois de fazer um gesto para fora da janela, querendo dizer “espere”)* Hoje tem uma festa na casa do Bebê! *(Ao ouvir este nome, Marcelo já começa a fazer gestos com o dedo, negativos. Verônica está eufórica)* Eu vou! Claro que vou! Genial!

MARCELO: Não vai, não senhora. E me diz uma coisa: este irresponsável do Toninho não tinha que estar dirigindo o tal “Hamlet Divino-Maravilhoso”?

VERÔNICA: Ele ensaiou a tarde toda. Ficou até bravo porque eu matei o ensaio. Ele não é tão irresponsável quanto você pensa. *(A buzina torna a tocar insistentemente)* E eu vou à festa, sim! *(Marcelo segura-a. Ela está aflita para falar com Toninho).*

MARCELO: Eu não quero que você saia com ele, muito menos que vá pra aquele covil de delinquentes que é a casa desse Bebê.

VERÔNICA: (*Irritada*) O Bebê é genial, o Toninho é genial, e eu vou lá. Pronto. Você não manda e nunca vai mandar em mim.

MARCELO: Não vai, e acabou.

VERÔNICA: Vou!

MARCELO: (*Olhando pela janela*) Antônio, a Verônica não vai à festa porque precisa ensaiar. Até logo. (*Fecha a janela*).

VERÔNICA: (*Abrindo a janela*) Toninho... Toninho... Espera aí. Eu vou sim! Espera, que eu desço em cinco minutos.

MARCELO: (*Gritando*) Você não vai, Verônica.

VERÔNICA: (*Tirando o traje de Ofélia e colocando uma calça Lee às pressas, sobre a malha de ballet*) Quer que eu fique aqui olhando pras moscas? Você não tem que levar a Verinha ao cinema? Eu também vou sair. Pronto.

MARCELO: (*Atirando a capa na cama*) Então eu fico com você. (*Vencido*) Tá certo assim? Não vou ao cinema com a Verinha. Mas você não vai pra este bacanal desse Bebê.

VERÔNICA: Bacanal! Bacanal! Quem foi que te disse que já houve bacanal na casa dele?

MARCELO: Imagino! É uma dedução lógica. Conhecendo ele, o Toninho, e a *gang* toda, posso imaginar o que eles fazem quando se juntam.

VERÔNICA: Mas, você pode ir ao cinema, porque eu... vou à festa.

Estou com vontade de dançar. E lá tem gravador. Umas fitas maravilhosas. *(Sorrindo)* Não tem ninguém pra dizer - Excelsior - e acabar com a onda.

MARCELO: *(Agarrando-a)* Você vai ficar aqui, quietinha. *(Ela tenta se desvencilhar. A buzina toca irritantemente. Ela fica mais aflita ainda. Depois ouve-se um ruído de motor arrancando. Ela fica furiosa).*

VERÔNICA: Viu? Ele cansou de esperar! Ele foi embora! Mas eu vou assim mesmo! *(Eles lutam. Marcelo não a solta. Começa a desabotoar a calça Lee. Magicamente Verônica se amansa novamente, e em silêncio tira a calça Lee. Ele carrega-a e caem na cama. Abraçam-se. Marcelo apaga a luz. Após uma longa pausa, ainda no escuro, ele fala lentamente).*

MARCELO: Não sei o que aconteceu Verônica... Eu... não consigo. Desculpe, tá? Não consigo, não sei...

VERÔNICA: *(Com uma voz perplexa)* Que... coisa chata... Que coisa terrível... Como... como é que aconteceu uma coisa dessas entre a gente?

MARCELO: Não sei... eu...

VERÔNICA: *(Irritada)* *(Chorando)* Você brochou! Você tinha que brochar? Você não gosta mais de mim. Você brochou.

MARCELO: Eu não sei... eu não entendo... *(Ela continua chorando. A escuridão é total)* *(O pano fecha).*

VERÔNICA: *(Cada vez mais desesperada, enquanto a buzina toca "Namoradinho de um Amigo Meu" lá fora)* Você brochou!

FIM DO 2º ATO

TERCEIRO ATO

(Marcelo escreve furiosamente à máquina. É um outro Marcelo. A sobriedade de sempre sobrepõe-se uma agitação incessante; As vezes bate na mesa com força. Raciocina. Conta as folhas. Parece preocupado com o que faz. Olha o relógio. Liga um número no telefone. Ninguém atende. Espera algum tempo. Liga novamente. Ninguém atende. Desliga furiosamente o telefone e toma a escrever. Toma a ligar, toma a escrever. Conta as folhas, avidamente, com pressa de acabar).

MARCELO: *(Falando baixinho)* Dez... faltam duas *(Volta a escrever. Pensa, como se espremesse a cabeça. Para a mão na testa, tira os óculos. Está cansado. Verônica entra lentamente, olha-o sem expressão definida. Parece cansada e abatida também. Tem um ar de exaustão total, como se toda a agitação que a caracteriza tivesse ido embora. Ao vê-la Marcelo se assusta. Pausa longa. Ele ensaia alguma coisa para dizer, mas o susto impede que ele fale. Ela parece distante, cada vez mais distante dali. Após uma longa pausa, ele se aproxima da cama, onde ela acabara de se deitar pesadamente).*

Bom... *(Tenta demonstrar calma, mas está excitadíssimo)* O que aconteceu, Verônica?

VERÔNICA: O que o quê? *(Não olha para ele. Está alheia a tudo).*

MARCELO: Como o que? Como? Quer que eu conte pra você? Não se lembra? Perdeu a memória. Onde você esteve esta semana toda? E por que não foi fazer exame? Tenho telefonado feito louco pra sua casa. Só me dizem que você sumiu, que ninguém sabe onde você está...

VERÔNICA: *(Lentamente, acordando de um sonho)* Fui por aí... *(Cantarola)* Vesti uma ca-mi-sa lis-ta-da e saí por aí...

MARCELO: (*Ainda mais perplexo*) O que é que você tem? Ficou louca de uma vez? (*Senta-se ao lado dela*) Fala como gente. Uma vez na tua vida, fala como um adulto. (*Gesticula nervoso*) Verônica, Verônica, pelo amor de Deus! Você pensa que é o que? Eu fui à polícia, fui a mil hospitais, fui à casa do Toninho, à casa do Bebê. (*Pausa. Irritadíssimo*) Ouvi aqueles idiotas falarem mil cretinices sobre você nas minhas fuças... Entende que é demais? Você me deixa doido. (*Grita*) Você vai acabar me deixando doido! Eu soube que você tomou um porre violento na festa do Bebê. Soube que eles te levaram carregada pra casa, que você mal podia andar. E depois disso não soube mais nada, nada. Bom, pensei eu, se ela não veio ao exame é porque deve estar morta de ressaca. Pensei em arrebentar a tua cara quando te encontrasse. Por que matar um exame por causa de uma ressaca? É o cúmulo da irresponsabilidade! Na hora de dar a nota, eu dei zero. Zero pra você porque não fez o exame, e zero pros outros *playboyzinhos* anarquistas do teu grupo, porque o exame que eles fizeram, o tal “Hamlet Divino-Maravilhoso”, estava que nem o rabo deles! Isto fora o Toninho vir fazer o exame totalmente MA-CO-NHA-DO! (*Chocado repete*) MA-CO-NHA-DO! Dei zero mesmo. Não vou dar moleza pra esses metidos a gênio, não! Se eles querem fazer teatro... (*Convicto, sem reparar que ela nem o escuta*) que aprendam! Onde já se viu? Fazer uma palhaçada daquelas com o texto de um I-MOR-TAL! (*Verônica sorri lentamente*) Do que você está rindo? Do que você está rindo? Hein? Hein?...

VERÔNICA: Imortal... (*Ri, lentamente, ainda fraca e sem ânimo algum*) O imortal deve estar se remexendo na tumba, no meio do pó, dizendo prá si mesmo... “Ser ou não ser... Ser ou não ser...” (*Ri*) Ser? Não ser? (*Irônica, com as mãos*) Que dilema, não? (*Mais irônica ainda*) Metafísico! Trágico mesmo... Imagine, um tropicalistinha, um anarquista maconheiro... acabar com a imortalidade do Shakespeare! Pode deixar.

(Rindo alto) Agora nós pretendemos escangalhar com o Brecht. Vamos fazer *Galileu Galilei* dançar “Tomo Banho de Lua” de Cely Campello. Que tal?

MARCELO: Divino-Maravilhoso, como o mundo que você vive. Fora da realidade. *(Doutrinador)* Fora da práxis-revolucionária! *(Ela ri)* No mundo da Lua! Como a Cely Campello!

VERÔNICA: *(Cantarolando)* “Tudo é divino - maravilhoso” *(Grita “uau” imitando Gal Costa. Parece muito agressiva. Neste momento assusta Marcelo com o “uau”. Ele deixa cair os óculos; desajeitadamente, ela pega os óculos no chão, ainda cantarolando lentamente)* “É preciso estar atento e forte...” *(Sorri)* Senão a gente deixa os óculos cair no chão. Pode quebrar a lente. Já pensou você sem óculos? *(Segura os óculos na mão)* Marcelo ficou cego porque não ficou atento e forte! *(Continua cantarolando. Ele tenta pegar os óculos. Ela afasta os óculos com a mão, sempre deitada)* “Não temos tempo de temer a morte...”.

MARCELO: Verônica... *(Pausa. Ela volta à postura de antes. relaxada. ausente)* O que aconteceu nestes sete dias?

VERÔNICA: Vesti uma camisa listada e saí por aí...

MARCELO: *(Irritado, gritando)* Chega! Responde direito!

VERÔNICA: ...Em vez de tomar chá com torrada, tomei parati...

MARCELO: *(Chacoalhando-a, perde decididamente a “esportiva”.* Está trêmulo, completamente fora de si) Eu fiquei estes dias todos sem dormir por tua causa.

VERÔNICA: Para de me chacoalhar!

MÁRCELO: ...Por tua causa eu não consegui escrever direito! Os caras da televisão me prensando. Eu precisando entregar os capítulos da novela nova! Eu desesperado, precisando escrever, precisando dar aula, precisando dormir! E por tua causa, fiquei no maior bagaço do mundo... Verônica, Verônica, você está a fim de me fazer perder a cabeça? *(Pausa)* Pra casa do Bebê não voltou, porque eu fui lá três vezes e eles não sabiam onde você estava. ONDE VOCÊ ESTEVE ESSES DIAS?*(Segura o rosto dela com fúria)* Por que está com esta cara de espantinho? Estas olheiras... você está doente?... hein? *(Ela ri)* Verônica, você não está passando bem... *(Põe a mão na testa dela)* Você... *(parece perceber que ela está mal. Acalma-se. Agora está preocupado e paternal, abraça-a, mas ela continua sem reação)*. Você está se sentindo bem? Fiquei preocupado com você... Eu não aguentava mais de preocupação. Você está doente?

VERÔNICA: Estou.

MARCELO: *(Após uma longa pausa. Começa a penalizar-se)*... onde você estava, menina... Em sua casa não estava. Na casa do Bebê também não. Na casa do Toninho, idem... *(Sorri)* Você sumiu do mapa. Que é que você tem, conta pra mim...

VERÔNICA: *(Levantando-se, começa a reagir. Volta a ser agressiva e agitada. Embora pareça fraca e abatida, ela retoma o pé da briga)* Que interessa...

MARCELO; Quero saber o que você tem, poxa. Se está doente...

VERÔNICA: Estou doente. Estou doente. Fiquei doente desde a festa do Bebê. Eu estava em casa. Dei ordem pra dizerem que não sabiam de mim, porque não estava com saco de falar com ninguém.

MARCELO: Mas... por que... por que você me podou também? Eu não

sou teu amigo? Eu não sou teu homem? Por que não me contou o que te aconteceu? Eu podia te ajudar. *(Pausa)* Você foi ao médico?

VERÔNICA: *(Após uma longa pausa. Resolve contar tudo)* Fui ao médico. Quero dizer, fui para o pronto-socorro.

MARCELO: Santo Deus, menina! *(Assustadíssimo)* O que foi que te aconteceu? Coma alcoólica? Fala, Verônica... Pode falar. Eu já sei que você bebeu. *(Delicado)* Eu não vou brigar com você, tá? Fala tudo pra mim...

VERÔNICA: Foi isso. *(Atrapalhando-se)* Depois do porre o pessoal me levou pra casa. Eu fui carregada. Você já sabe. Mas o fato é que o aristocrata do meu pai estava lá na porta na hora que eu cheguei. Eram 7 da matina. O velho começou a me encher. Eu comecei a quebrar tudo que ia encontrando pela frente. Quebrei abajur, bibelô, o diabo. *(Extasia-se morbidamente com a façanha)* Ele corria atrás de mim feito louco. *(Ri)* E eu quebrando tudo. Ele correndo e eu quebrando. Divino-Maravilhoso. Digno de um filme. Pensou? *(Imita a voz do locutor da "Pelmex")* "Una película de la Pelmex! Tragan sus hijos. El padre sanguinario y la hija desastrada!". O velho queria me pegar de bofetão. QUERIA não. Pegou. E se vingou. Coitado, vingou mesmo. Depois que eu tinha destruído a casa toda, e feito aquela cagada geral, papai me pegou acendendo um fósforo na roupa suja, no banheiro. Estava tudo amontoado dentro de um cesto. *(Às gargalhadas, ela finge acender um fósforo. Ela imita a si mesma, totalmente debochada)* No que eu ia acender o fósforo, ele me pegou. Marcelo, foi porrada em cima de porrada.

MARCELO: *(Horrorizado)* Você ia... você pretendia... incendiar o cesto de roupa suja? Mas... e se pegasse fogo na casa toda, Verônica... *(Incrédulo)* Não pode ser... Devo estar sonhando... Isso deve ser filme mesmo. Não pode... Você está completamente alucinada...

VERÔNICA: ...*(Continuando)* Se eu PRETENDIA queimar a roupa? Pretendia... E azar deles se queimasse a casa toda. Pra que serve aquela casa? Pra abrigar meia-dúzia de mortos.

Bom, deixa eu terminar. Não acabou aí. O velho me esbofeteou tanto, que eu resolvi correr dele. Fui correr, caí da escada e rolei 24 degraus. O dramalhão perfeito. Faltava um tango. Vieram as empregadas apavoradas, correndo. Minha irmã com cara de histérica, minha mãe... *(Dá uma estrondosa gargalhada)* Toda a curriola... Acordei no pronto-socorro.

MARCELO: *(Ainda mais horrorizado)* Pronto-socorro?

VERÔNICA: Pronto-socorro! *(Orgulhosa)*. No pronto-socorro, ensanguentada feito um porco.

MARCELO: En-san-guen-ta-da? Mas, o teu pai tirou sangue de você?

VERÔNICA: Tirou. Mas foi o tombo que me estourou mais.

MARCELO: *(Penalizado, perplexo)* Você... fraturou alguma coisa? *(Segura-a com carinho)* Diga...

VERÔNICA: *(Rindo alto)* Fraturei *(Uma gargalhada nervosa)* Fraturei o útero. Veja você. Foi a primeira vez na história da medicina que alguém fratura um útero...

MARCELO: *(Com cara de horror)* Explica isso, menina... que coisa é esta... que estupidez... que história é essa de útero...

VERÔNICA: Eu estava grávida *(Marcelo parece totalmente arrasado)* Não precisei de operação... NEM NADA. No que o papai resolveu dar a sua de mexicano, eu rolei a escada e lá se foi o teu herdeiro. Foi fácil. *(Pausa longa. Marcelo está totalmente perplexo. Tenta dizer alguma coisa,*

mas não consegue. Verônica se cala. Observa-o sorrindo) Que foi? Você deve estar achando que eu estou louca, não é? É lógico. Mas eu não estou. Quando eu rio não é porque eu perdi a cabeça, não. Eu sei que o que eu te contei é pra chorar. Só que eu estou achando a maior graça.

MARCELO: *(Pausa longa)* Você estava grávida e não me dizia nada... Por que não me contou? A gente podia discutir o assunto, chegar a uma conclusão racional... *(Pausa)* Este teu pai também... um brutamontes!

VERÔNICA: *(Reagindo na mesma hora)* Meu pai não tem culpa de nada! O meu pai estava no lugar dele. Ele fez muito bem em me espancar. E eu fiz bem em acabar com aquela casa. Em quebrar tudo na frente dele. Ele tinha que me espancar e eu tinha que quebrar tudo. Será que você entende? *(Didática)* Cada adversário no seu canto. Cada um luta do jeito que pode e com as armas que tem. E eu sentiria mais nojo dele se ele ficasse quieto, me vendo destruir aquele império todo. *(Marcelo fica longo tempo parado. Sentado na cama, impotente. Ele parece procurar uma lógica para tudo aquilo. Verônica está serena, como se tivesse cumprido um dever muito árduo. Senta-se com naturalidade à mesa, e começa a mexer nos papéis de Marcelo. Lê atentamente. Sorri, enquanto folheia as páginas e meneia a cabeça. Lendo em voz alta, tranquilamente, sem ironia)* “Era uma vez um rei. Um rei de um reino imaginário. Ele roubava do povo, viviam fazendo banquetes e orgias...” *(Pausa. Ela parece gostar da história)* Bacaninha, Marcelo. Parece história de criança... *(Ele não escuta. Continua parado e perplexo. Ela lê)* “Um dia este rei foi assassinado, ninguém sabe por quem. Acontece que ele não tinha herdeiros... Os parentes começaram a disputar o trono, mas ninguém sabia que o rei tinha um filho ilegítimo, com uma mulher da plebe e que este filho tinha ajudado a matar o pai, num complô. O filho do rei era adversário do rei...” *(Parece assustada. Gosta da história)* Genial, Marcelo. Marcelo, que rei é este?

MARCELO: ...Verônica... como foi possível isto tudo? Por que você não me telefonou? Por que não contou pra mim? Você estava com medo que eu bronqueasse?

VERÔNICA: (*Lendo*) “Um dia... a esposa de um dos parentes do rei morto, parente este que aspirava ao poder, apaixonou-se pelo filho do rei, sem saber sua origem e suas ideias...” Marcelo, mas está brilhante isso. (*Séria*) Inclusive este estilo de história pra criança. Bacana no duro. Escuta... Marcelo... (*Quer fazê-lo ouvir*) Eu te juro como gostei. Pra novela está muito bom. (*Retificando*) Não. Não só pra novela. Está bom mesmo.

MARCELO: Deixa isso aí. Não estou interessado nas tuas críticas. (*Parece aturdido*).

VERÔNICA: Mas eu estou achando bom... você não fica contente?

MARCELO: Posso ficar... “contente” depois das barbaridades que você me contou?

VERÔNICA: Ah, vai... larga de tragédia. Escuta, como você vai resolver isto?

MARCELO: (*Irritado*) Como é que você pode estar nesta calma depois de tudo o que aconteceu?

VERÔNICA: Estou interessada em saber qual é o destino deste reinado aqui... (*Aponta graciosamente os papéis*).

MARCELO: Sei lá. Preciso inventar o resto da estória. E se não fosse a tua sumida, se não fosse a preocupação que eu fiquei, eu já tinha entregue estes capítulos prontinhos pros caras, e estava livre agora!

VERÔNICA: Não perguntei isso. Perguntei o destino do reinado. Eu

estou preocupada com ele. Gostei da história. Estou estranhando até. Você escrever uma coisa, boa, é realmente um troço fantástico. Isto quer dizer que você não brochou!

MARCELO: Que é que tem de bacana nisto aí, Verônica... Não venha fazendo média pra me agradar. Eu reconheço que é uma droga.

VERÔNICA: A droga é este reinado ter que ser imaginário.

MARCELO: Tem que ser imaginário mesmo.

VERÔNICA: Claro que tem. Isto que é chato.

MARCELO: *(Relutando em perguntar)* Verônica... por que você não queria ter... a criança?

VERÔNICA: Ainda não era uma criança. *(Displícite, continua a folhear, parece totalmente segura de si)* Ainda não era nada.

MARCELO: Mas podia ser! Ele ia ser nosso filho! Nós íamos criar um filho! Um filho! Ia sei meu e teu. Você ia ser mãe. Acho que era isto que te faltava... E eu ia ter uma coisa tua...

VERÔNICA: Um azarado, isto que ele ia ser. Filho de um cansado e de uma cansada. Um azarado.

MARCELO: Quem é que está cansado aqui? Eu não estou. Você também não está. Nós temos a vida toda pela frente.

VERÔNICA: Uma vida muito besta.

MARCELO: Que pessimismo... que pessimismo... Você não parece que tem 21 anos...

VERÔNICA: Eu não tenho vinte e um anos. Eu tenho mil anos.

MARCELO: Você tem preguiça de criar um filho?

VERÔNICA: Eu não terei herdeiros. Como aquele rei. Eu não tenho e não quero herdeiros. *(Ri. Pausa)* Meu pai me deserdou, por falar nisso.

MARCELO: Deserdou como?

VERÔNICA: Pelos processos normais. Me mandou embora e me disse que eu não ia ter um tostão do dinheiro dele, nem depois que ele morresse. E se o teu filho, o meu filho, fosse como eu? Nós íamos deserdá-lo um dia...

MARCELO: *(Sério. Incisivo)* Não tira o corpo fora. Você foi muito covarde em não me contar. Pelo menos a gente podia discutir...

VERÔNICA: Discutir o que, se eu já tinha opinião formada?

MARCELO: Sem discutir a gente não faz nada...

VERÔNICA: Você não vai me dobrar nem com mil discussões dialéticas. Porque eu não quero ter um filho. *(Pausa)* E pare com este romantismo besta, que isto já caiu de moda.

MARCELO: *(Fechando os olhos, louco de raiva)* Romantismo! Romantismo. *(Pausa longa. Tenta manter a calma)* Bem, Verônica, você vai morar aqui. Agora você tem que vir pra cá.

VERÔNICA: Eu não estou me preocupando muito com o fato de não ter onde morar, sabe? *(Irônica)* Aqui ou na casa do Bebê, ou no inferno... dá tudo na mesma.

MARCELO: Vai ter que se preocupar uma hora. Onde estão as tuas coisas?

VERÔNICA: Que coisas?

MARCELO: As tuas roupas, os teus livros, os teus quadros...

VERÔNICA: E quem disse que vou vir pra cá?

MARCELO: Não estou implorando. Estou te dizendo que se quiser vir, isto aqui é teu.

VERÔNICA: Obrigada. Muita gentileza tua.

MARCELO: Por que este cinismo?

VERÔNICA: Estou te agradecendo, só isso.

MARCELO: Vem então. (*Cansado*).

VERÔNICA: (*Levantando-se*) Antes, a gente tem que acertar um montão de coisas...

MARCELO: (*Como que descobrindo uma pista*) Acertar! Isto! (*Estala os dedos alegre com a pista*) Acertar! Tudo no lugar, tudo! Os livros, os objetos de cena, tudo! (*Começa a correr eufórico pela casa, apontando as coisas*) A máquina de escrever. ORDEM! (*Eufórico*) Eu quero ordem! A partir de hoje, nós vamos organizar a nossa vida, or-ga-ni-zar! E tem mais. Fim de semana, (*Pomposo*) a senhora vai ler.

VERÔNICA: (*Em atitude de franco deboche*) Lenin? Brecht? Houser? Marx? Trotsky?

MARCELO: Os livros que eu disser pra ler. Sim, porque você precisa estudar. Porque existe uma História. E nós fazemos parte desta História. E você precisa mesmo se conscientizar, porque essa tua porra-louquice conduz à alienação, e.. (*Ela já na janela, dá um grito sarcástico*).

VERÔNICA: Você está fazendo comício pra queeeeem?! (*Abre a janela e olha fora*) Só eu estou aqui. (*Sarcástica*) Camarada Marcelo, as massas te abandonaram! Que solidão de cão, hein?

MARCELO: (*Fingindo que não ouve, mas literalmente irritado*) E vamos organizar mesmo esta bagunça! ORGANIZAR A NOSSA VIDA!

VERÔNICA: Você não percebe que tudo que você falou é lixo? As organizações, tanto os governos como as arrumações de casa, são a coisa mais cansativa do mundo. E a História em que você tanto acredita, só deu mancada. (*Gritando*).

MARCELO: (*Sorrindo*) Então, a humanidade faliu, na tua opinião?

VERÔNICA: FALIU!

MARCELO: (*Sorrindo*) Esta falência só existe na tua cabeça. (*Marcelo de repente percebe que Verônica está distante, e resolve doutriná-la. Agarra-a pela mão, docemente, paternalmente, e a faz sentar-se próxima à cama. Ela senta, olhando-o sempre debochadíssima. Ele começa a falar dolorosamente paternal, tentando convencê-la*) Verônica. Preste atenção, 500 mil anos atrás, éramos uns antropoides. Uns macacos apavorados. Com medo de chuva, trovoada, o diabo. Vivíamos nas árvores, de galho em galho. (*Parece ter pena da espécie humana*). Você não pode negar uma evidência destas. 500 mil anos atrás nós rastejávamos pelo planeta, Verônica! O homem construiu a arte, a ciência, a tecnologia! (*Olhando-a que ri*) Eu sei, eu sei... ainda há muita miséria no mundo. Eu sei. Há Biafra, Vietnã. Eu sei. Mas eu sei também que o homem é fundamentalmente bom. E até o capitalismo é um avanço, comparado com o sistema feudal. (*Ela ri mais alto ainda*) O Homem criou a Capela Sixtina a 9ª Sinfonia, a Revolução Industrial. O Homem criou a imprensa. (*Ela ri, ele se exaspera*)

Eu creio em mim porque eu creio no Homem! E sei que no futuro, se ele usar a consciência, atingirá a culminância. Será uma síntese de Aristóteles, Goethe e Marx. *(Verônica ri ainda. Ele levanta da cama e aponta as coisas da casa, desesperado, vendo se comove Verônica)* Isto é o progresso! Chegar onde chegamos! O que é para você a civilização, hein, hein? *(Desafiador)*.

VERÔNICA: *(Lenta e debochadamente)* Liquidificador Walita, Apolo 11, Napalm, Chacrinha e Modess, Modess: o RETRATO da tua civilização. Nojenta, ensanguentada e prática.

MARCELQ: Não! O progresso é inquestionável! Não é só liquidificador e Modess que a humanidade sabe fazer! Quem usa a consciência transforma a vida!

VERÔNICA: Morro de rir de você, antropeide supercivilizado, *(Ri)* Marcelo Fonseca. Um macaco inteligente, que lê Marx, Brecht... Um macaco desesperado!

MARCELO: Você já disse o que tinha a dizer pela vida toda. A não ser que comece a se transformar a partir de hoje. *(Verônica pega um copo. Marcelo pega o copo e o quebra no chão, exasperado, com violência)* E não bebe mais na minha frente, porque a lucidez é fundamental.

VERÔNICA: Como você pontifica, minha santa mãe de Deus!

MARCELO: Eu vou continuar pontificando a vida toda.

VERÔNICA: Falido!

MARCELO: Quem faliu foi você.

VERÔNICA: *(Jogando tudo no chão. Os livros, a máquina de escrever,*

tudo, e apontando a cada objeto que joga, sob o susto de Marcelo) A falência existe em todo lugar. Aqui, aqui, aqui... (Corre até a janela e grita veemente) Falênnnnncia! Falênnnnncia!

MARCELO: *(Gaguejando, catando os livros do chão) Quem faliu foi você! Você! Você, o Toninho, o Bebê, o Alberto. Os tropicalistas, os anarquistas, os desequilibrados. Vocês são carvão gasto. Vocês não têm mais nada a declarar.*

VERÔNICA: E nem temos pretensão de declarar nada. Está tudo declarado. Deflagrado. E falido!

MARCELO: *(Veemente e gaguejando, com os livros na mão, encaminhando-se com fúria para ela) Eu não fali! Picasso não faliu!*

VERÔNICA: Pretensão é água-benta!

MARCELO: Os que fizeram a Revolução Francesa não faliram. Os que fizeram a Revolução de OUTUBRO não faliram. Os que fizeram as revoluções, estes não faliram!

VERÔNICA: Faliram todos!

MARCELO: Como você diz um impropério destes?

VERÔNICA: Falido!

MARCELO: Porra-louca!

VERÔNICA: Falido!

MARCELO: Galinha!

VERÔNICA: Falido!

MARCELO: *(Já segurando-a pelos ombros violentamente, sacudindo)*
Chega. Verônica, chega!!!

VERÔNICA: BROOOOCHA!

(Marcelo dá-lhe uma violenta bofetada, que a derruba na cama. Após alguns segundos, ela se refaz se levanta, e grita).

Papai! Você é um covardão! *(Abre os braços)* Você vinha assim! De repente parou. E teve medo. Todos param num certo momento. E sentem medo. E é isto que me enoja. Você se vendeu.

MARCELO: *(Curvo, cansado, de costas para ela)* Estou farto da tua estupidez. Vive dizendo que eu sou um vendido e que teu pai é um fresco. Mas passa os dias na piscina, tomando uísque escocês. Gasta os tubos na boate, com dinheiro meu e dele: do vendido e do capitalista opressor. Calça sapatinho italiano, veste roupa francesa. *(Sorri amargo)* O que é que você fez? Quando é que você ganhou o pão com o suor do teu rosto? É fácil, muito fácil falar que a humanidade está podre, quando a gente é servido por mordomo de libré, chofer e governanta. Você... *(Aproxima-se dela)* E gente como você, não tem estrutura. Não tem caráter. Que foi, ficou muda?

VERÔNICA: Esta filosofia barata está cansando a minha beleza. *(Aponta para a cama)* Vamos fazer alguma coisa de interessante?

MARCELO: *(Reagindo)* Não! E a gente pensa com a cabeça. Não com o sexo. Se cada vez que formos discutir qualquer coisa importante, formos pra cama, vamos acabar virando bichos.

VERÔNICA: *(indo para o bar)* Exatamente o que eu quero.

MARCELO: Você vai beber, não vai?

VERÔNICA: Vou.

MARCELO: *(De costas. Ela coloca uísque no copo)* Pois beba à vontade. Eu cansei.

VERÔNICA: *(Parando lentamente de colocar uísque, assustada porque ele não reprimiu o seu ato de beber)* Eu também. Cansa discutir, não é?

MARCELO: Se cansa! Por isto mesmo, a partir de hoje não se discute mais nada sério aqui dentro. Eu não te reprimo mais, nem te proíbo nada! Se até hoje fui eu quem te impedi de viver, agora você vai ter que viver. É uma responsabilidade tua. Só tua.

VERÔNICA: *(Após uma pausa abandona o copo, e caminha desesperada pelo palco)* Não me responsabilize nem por mim nem por ninguém. Porque eu não posso assumir a culpa, o risco e o desafio que pertencem a todo mundo.

MARCELO: Pertencem a você também. Alguma saída você tem que propor. Pelo menos pra você mesma. Quando mais não seja para tua geração.

VERÔNICA: Para minha geração só sobrou a violência. As regras do jogo são essas: usar a violência rigorosamente, apunhalar o inimigo até pelas costas.

MARCELO: E quem é o inimigo pra você, Verônica?

VERÔNICA: *(Pausa tensa. Ela grita)* O difícil é saber quem é e onde está esse inimigo. Ele está disseminado como um Deus. Ele transformou o mundo à sua imagem e semelhança. E seus espiões já se infiltraram em toda parte. *(Pausa longa)* Você quis dizer o que, quando falou que estou livre de você?

MARCELO: Que o nosso caso acabou.

VERÔNICA: *(Tentando se conter)* Acabou! Cada um pro seu lado. Vamos ver no que dá.

(Pausa longa. Os dois estão de costas. Não se vêem. Verônica parece prestes a explodir).

MARCELO: Estou muito admirado com você. Outro dia mesmo dizia que se tudo acabasse entre a gente era a ruína, sei lá. Agora está tão calma...

VERÔNICA: Ahhhh! *(Ela berra e cai no chão gemendo como um animal Marcelo, assustadíssimo, socorre-a e abraça-a).*

MARCELO: Bobinha... você está pensando que é sério? É só mais uma briga... Olha, quantas vezes nós já chegamos à conclusão de que não dava certo, que era melhor terminar, etc... etc... hein? Você levou a sério?

VERÔNICA: E agora?

MARCELO: Agora o que? *(Carinhoso)* Não vai acontecer nada. Eu já estou de bem. *(Pausa longa. Ela não responde. Começa a desabotoar a blusa de Marcelo olhando fixamente para ele e parando de chorar de repente. Ele se deixa beijar, passivamente. Ela acaba de tirar-lhe a blusa. Sua expressão é de decisão. Ele no entanto não percebe nada. Sorri, sempre submisso a ela e às carícias que ela lhe faz).*

MARCELO: Viu? *(Beija-lhe o rosto)* Viu? Você, hein? Já está de bem.

VERÔNICA: *(Como se não o escutasse)* Agora eu já sei... já sei o que nós vamos fazer. *(Ele começa a desabotoar-lhe a blusa)* Não... ainda não... *(Ele continua a desabotoar-lhe a blusa. Ela deixa).*

MARCELO: Eu quero agora... *(Abraça-a furiosamente. Agarram-se. Jogam-se na cama. Ele rasga a blusa dela, na pressa e na fúria. Ela acaba*

de rasgar. De repente ela levanta, decidida, muito decidida, com um sorriso sereno).

VERÔNICA: Esta noite você vai fazer tudo que eu te pedir...

MARCELO: Tudo.

VERÔNICA: Então... *(Ande até o armário. Pega a garrafa, enche dois copos até a borda)* Vamos encher a cara.

MARCELO: Isto mesmo. Encher a cara!

VERÔNICA: Depois vamos dançar...

MARCELO: Posso escolher a música?

VERÔNICA: Não.

MARCELO: Você não sabe o que eu ia escolher...

VERÔNICA: O Vivaldi... não é?

MARCELO: Não.

VERÔNICA: Mozart...

MARCELO: Não. SABE O QUE? *(Vitorioso)* Caetano Veloso!

VERÔNICA: Ah, mais aí é que se engana. Nós vamos dançar uma valsa. Uma valsa linda...

MARCELO: Tá certo. Eu topo tudo hoje.

VERÔNICA: Depois vou te contar um segredo e você vai ficar bravo..

MARCELO: Depende... depende...

VERÔNICA: Sabe, eu terminei aquela peça, aquela que eu estava escrevendo com o Toninho.

MARCELO: (*Estupefato*) Terminou mesmo? E por que não me falou? Onde... onde está o texto, está com ele?

VERÔNICA: Não. Eu tirei ele da jogada. Terminei sozinha...

MARCELO: (*Descobrimdo*) ... você ficou escrevendo... você queria me fazer uma surpresa...

VERÔNICA: (*Aceitando*) Mais ou menos isso... Só que o texto não está aqui... Mas eu sei de cor.

MARCELO: Então vai dizendo logo, tá? A gente agora corrige tudo e monta com o pessoal da escola!

VERÔNICA: Não vamos fazer todo o texto não. Só o finalzinho... (*Olha-o decidida, fixamente*) E eu vou dirigir a cena final. São dois personagens. Eu e você.

MARCELO: Já não gostei.

VERÔNICA: Por que? Ficou bonita...

MARCELO: Detesto autobiografias. ..

VERÔNICA: Você vai gostar. Você vai ver. Além do mais prometeu que *hoje* fazia tudo o que pedisse.

MARCELO: Tá certo... tá certo... (*Conciliador, segura-lhe a mão*) E depois, depois a gente...

VERÔNICA: Depois a gente trepa...

MARCELO: A noite toda...

VERÔNICA: À noite toda...

(Deixa os copos cheios sobre a mesa. Marcelo levanta, pega o seu copo e dá um gole. Verônica começa a se pintar. Passa pó, delineador nos olhos, cuidadosamente. Ele observa-a sorrindo. Ela está séria, contrita. Pega as guirlandas, enfeita o cabelo, tira a roupa de Ofélia do armário, tira os restos de blusa que lhe sobram. Ele beija-lhe o colo. Ela não reage. Sua expressão é estranhamente séria e convicta. Verônica parece preparada para uma cerimônia. Marcelo ajuda-a a vestir a roupa de Ofélia, lentamente, deslumbrado. Verônica olha-se no espelho novamente. Passa um último retoque no batom, ajeita ainda um pouco os cabelos)

MARCELO: Minha noiva...

VERÔNICA: Sua noiva. *(Vai até a vitrola. Procura um disco. Coloca uma valsa antiga. Dá-lhe a mão, cortês e delicadamente. Eles começam a dançar a valsa. Dançam por alguns instantes. De repente ela parece apressar-se com alguma coisa muito importante. Para. Marcelo, empolgado com a valsa, tenta puxá-la novamente. Ela vira-lhe as costas. Desliga a vitrola, volta-se para ele)* Vamos fazer o final da minha peça... vamos!

MARCELO: Por que já? Você não queria dançar a valsa?

VERÔNICA: Quero fazer a minha cena... Você vai ver como é linda. Não quero que a maquiagem saia. E isto...

MARCELO: Gostei de ver! Está ficando uma profissional!

VERÔNICA: *(Após uma pausa)* Você vai me prometer, não... atrapalhar, não dar palpite... tá? E... não faça críticas, antes do final!

MARCELO: Certo, senhora diretora. A senhora manda hoje. Vamos lá?

VERÔNICA: Bom... *(Parece querer esconder sua aflição. Está tensa, mas quer que ele pense que ela está brincando)* Bom, meu ator, maravilhoso... você vai fazer o seguinte: Eu vou ficar de frente para o público, nesta cadeira aqui. *(Marcelo observa-a dar ordens. Como um pai emocionado com a obra de uma filha, sorridente, complacente, ele cruza os braços)* Você vai ficar aqui. *(Segura-o pelo braço e leva-o até perto da janela. Ele se deixa levar)* Agora você vira de costas. Fica de costas o tempo todo... *(Pega a caveira de Yorik em cima da mesa e coloca-a na mão de Marcelo)*

MARCELO: Você sabe que isto não pega bem, Verônica. Nunca é bom deixar um cara muito tempo de costas em cena...

VERÔNICA: Deixa de teoria hoje. Faça o que eu mando.

MARCELO: Tá bem... tá bem... Mas depois eu posso fazer minhas críticas, não posso?

VERÔNICA: Depois você faz tudo o que quiser. O mundo inteiro pode criticar depois, que eu não me importo. Mas agora sou eu quem manda. Bom. Fica aí de costas. Não se vire um minuto sequer. Aí eu dou a deixa e você entra com o monólogo do Hamlet. Ser ou não ser.

MARCELO: E qual é a deixa?

VERÔNICA: Um gemido. Eu vou dar um gemido de dor, como se estivesse sendo esfaqueada... *(Hesita em dizer, um pouco por temer a crítica dele. Marcelo meneia a cabeça)*

MARCELO: Não estou gostando da ideia... mas enfim... Bem, eu fico aqui olhando pra janela. Espero você dizer a tua fala. No que você der um

gemido eu começo: “ser ou não ser, eis a questão”. “Dormir... dormir...” tal e coisa... até o final, não é? E daí?

VERÔNICA: *(Dá uma golada enorme no copo de uísque. Vê-se que ela treme um pouco e que está tramando algo terrível)* Depois? Bom... depois... depois é surpresa.

MARCELO: Vamos lá, minha dramaturga... Eu já vou para o meu lugar, tá? *(Pausa longa. Marcelo vira de costas para ela, com a caveira de Yorik na mão. Verônica, lentamente, com os olhos vidrados, pega um punhal, aproxima-se da boca de cena e olha hesitante a plateia)*

VERÔNICA: Não quero que ninguém me siga. Porque a minha violência é uma violência inútil. Há um lixo por se incendiar. Acumulou-se tanto que seu cheiro se tomou insuportável. Eu gostaria de partilhar da tarefa deste incêndio. *(Olha o punhal)* Mas há um espião em mim que não consente que eu viva. *(Levanta o punhal e lentamente crava-o no peito. Geme agoniadamente. Marcelo ainda de costas, pensando que é sua dica para o monólogo do Hamlet, começa lentamente. Ela morre, lentamente).*

MARCELO: “Ser ou não ser, eis a questão”. *(Continua até perceber o silêncio dela)* Verônica, me desculpe. Mas do ponto de vista do conceito da... *(Volta-se. Para, mudo. Corre até ela. Segura-a. Olhos de louco, ergue-a, compondo uma Pietá de Michelangelo. Ainda mudo, sacode-a. De repente, com ela nos braços, de pé na boca de cena, olhos em pânico, solta um gemido sem som. Vê-se pelo movimento dos lábios, que ele grita “Verônica”. A valsa continua tocando).*

FIM